A APPARIÇÃO

POEMA ELEGIACO EM 4 CANTOS,

CONSAGRADO A' MEMORIA

DA SENHORA

D. FIRMINA CARLOTA DA SYLVA SERVA.

POR

NUNO ALVARES PEREIRA PATO MONIZ.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1818.

Com Licença.

Este era o Canto heroico, e de alegria
Que eu já em teu louvor apparelhava,
Como o tornou a Morte em Elegia!
Camões, Eleg.

Stat sua cuique dies: breve, & irreparabile tempus
Omnibus est vitae; sed famam extendere factis,
Hoc virtutis opus. *Virg. En. L.* 10.

Idcirco cogitationes meae variae succedunt sibi, & mens in diversa rapitur.
Job, C. 20, *V.* 2.

AO SENHOR

MANOEL JOSÉ DA SYLVA SERVA.

TUdo merecião as virtudes que superiormente adornárão sua mui chara Filha, a Senhora D. Firmina Carlota da Sylva Serva; mas ainda assim não cuido eu que a minha imaginação, abatida por huma longa enfermidade, houvesse bastante vigor para produzir o presente Poema, em que as decanto e as deploro, se me não incendesse o fogo sagrado da Amizade, ateado pela Gratidão, que domina em todas as almas ingenuas: por isto, se não pelo que elle vale, confio em que lhe dará favoravel acolhimento; olhando-o não como offerecido pelo Poeta orgulhoso, mas sim por seu

Amigo agradecido

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

PROLOGO.

A Poesia Elegiaca he huma das mais agradaveis, mas por certo que tambem he huma das que offerecem mais difficuldades á composição; e, talvez por o achar tão espinhoso, nenhum antigo Poeta escreveo longos Poemas deste género. " Nas Composições Elegiacas (diz a opinião geral) devem sómente reinar aquelles affectos de que julgamos commovido quem quér que, dotado de huma indole maviósa, soffre alguma grande perda para o seu coração; sendo-lhe por isso estranhos todos os adornos de comparações, descripções, e sentenças moraes, ou philosóphicas. ,, Parece á primeira vista que assim he, e com tudo, eu não tenho para mim que na verdade assim seja: convenho em que o primeiro impeto da dor não admitte longas reflexões; mas não assim, depois que ella he modificada pelo tempo.

A Poesia deve ser a imitação, ou

a exposição dos diversos effeitos da Natureza; o seu fim he instruir, e o meio he deleitar: e como o poderá ella melhor conseguir, senão apresentando bem assazonadas contemplações da Natureza? ou que cousa mais natural do que, hum homem attribulado recordar os tempos passados, comparallos com o presente, e appellar para o futuro em demanda do lenitivo de seus males? Quem geme, tambem pensa.

O sentimento, despido de reflexões, sim póde dar (qualquer que seja o seu titulo) hum pequeno Canto Elegiaco, porém não hum longo Poema: este, para alcançar o fim proposto, he de necessidade trajar-se, e revestir-se de idéas philosóphicas; e não sei que ellas sejão antipáthicas da melancolia, antes o accredito bem pelo contrario: não confundamos a tristeza com a mysantropìa: o homem afflicto, e o homem pensador (condições que facilmente se unem) são melancólicos, são tristres; porém só o excesso das afflicções, e a perturbação das idéas o levão, e o despenhão no terrivel estado de mysantrópo.

Do que fica dito, e do que mais póde deduzir-se do que eu digo, conclúo não haver incoherencia em compor hum extenso Poema Elegiaco, que possa dizer-se hum Poema Philosóphico: assim o fez Young nas suas *Noites*, cuido que sem contradicção o primeiro de todos os Poemas Elegiacos, não obstante os seus muitos defeitos; como, tambem a pezar delles, julgo seu immediato o da *Sepultura de Lesbia*, pelo nosso Santos e Sylva; ao menos eu não lhe conheço outro superior: o de maior nomeada entre os Italianos são as *Noites Clementinas*, por Bertóla, que eu tenho por muito inferior á sua fama, e que ao seu assumpto devêo talvez a sua celebridade: entre os Allemães valem muito as *Solidões* do Barão de Cronegk, obra de bastante merecimento, mas composição de Poeta ainda verde: os Francezes, para lhes faltar alguma cousa em Litteratura, não tem (que eu saiba) obra digna de attenção neste genero, salvo se nelle quizerem incluir a *Piedade* por Delille, posto que, segundo entendo, seja este Poema o somenos

de quantos escreveo aquelle grande Poeta: os demais são todos inferiores dos que ficão nomeados.

Todos elles (em mais ou menos gráo, conforme a sua indole, e faculdade) buscárão, com lições moráes, e scientificas, adornar, e fertilizar a esterilidade do assumpto; e aquelles que assim o não fizerão, não são lidos: ora qual miserando Auctor quererá ser contado neste número? ou que Leitor tão benévolo soffrerá huma longa carpideira, núa daquelles adornos que podem instruir, e deleitar?

Taes assumptos, posto que sejão grandes no coração, e na phantasia dos Auctores, são quasi sempre tenuissimos na ponderação da pluralidade dos Leitores: e como se alcançará satisfazellos, ou attrahillos? por certo que não será méramente com lágrimas, que talvez julgão fingidas, como o são mil vezes em casos taes: que, se para mim o não forão, nem por isso este meu certificado seria bastante para me grangear a estima, e gosto dos Leitores, se d'esse gosto, e d'essa estima eu, por outras clausulas, me não fizesse accrédor; e sello-hei eu?

Este Poema foi escripto depois de cinco Epistolas ao mesmo assumpto, já impressas em separado: não o digo como desculpa, porque nenhuma pode ser bastante para escrever mal, e ainda menos para cançar o Mundo com ruins escriptos: digo-o sim como prova de que em Poesia não ha assumpto mingoado, todas as vezes que entra na ordem natural daquellas cousas que interessão o animo, e he tratado com opulencia de imaginação; o que em nenhum modo me parece implicar com a ternura dos affectos magoados, servindo antes de os expressar com energia: as palavras atão-se conforme as idéas; e quem estas sabe ordenar, tem hum perenne manancial daquella suave eloquencia que eleva, e que triumpha, ainda mesmo com descuido dos mandamentos d'arte; a qual, como filha da Natureza, facil, e não buscada occorre pelo fio da composição: a Natureza adorna-se, para se afformosear: e porque não ornaremos os Poemas em que a pertendemos imitar? Venus com o cinto das Graças não he inda mais bella?

CANTO I.

Je l'ai vu : ce n'est point une erreur passagère
Qu'enfante du sommeil la vapeur mensongère.
Voltaire, Semir. Trag. Act. I. Scen. V.

De la Divinité les vives étincelles
Etalaient sur son front des beautés immortelles.
Voltaire, Henr. C. VI.

Stetit quidam, cujus non agnoscebam vultum, imago coram oculis meis, et vocem quasi aurae lenis audivi.
Job, C. IV. V. 16.

ALém das mais que remoçara o Mundo,
Já de centenas sobre nove, e nove,
Por vez dècima septima avançava
A fecunda Estação que se atavia
De rúbros cáchos, sazonados pômos;
E, ao curvo Escorpião trilhando os campos,
Já de Phebo a Quadriga rutilava
No Antipodal Meridiano: a Noite,
Em meio gyro, com flagello escuro
Guiava nestes Ceos as múdas Pias:
De papoulas c'roado, o Deos do somno

Manso-e-manso pousava em leito, e leito;
E eu, de meus pensamentos fatigado,
Dormia: leves sônhos enganósos,
Pelos vaõs da espaçósa phantasia,
Prestavão cores a diversos quadros
De chymérico fundo, e falso brilho. — —
Mas nem todos os sônhos são chyméra:
O meio termo que a Rasão prescreve,
Raro se attinge; os Homens desvairados,
Querendo fugir d'hum, dão n'outro excésso:
Nescia turba, em agouros embebida;
Hum'hora d'alto júbilo perpléxa,
Toda espantada, e tremebunda outr'hora;
Da van credulidade escrava ignóbil,
Contempla em cada sonho huma vontade,
Hum decreto dos Ceos em cada sônho:
Outros, dando no extremo a este oppôsto,
Recúsão crença a todo o sônho; e altercão,
Que, mal adormecida, a phantasia
Nos mescla em sônhos o negócio havido:
Porem, se á Metaphysica pedimos
Que o phenómeno explique, balbucia;
E, com muita palavra, e rasões poucas,
Ao cabo do aranzel sentencióso
Nos deixa a peito co'a incerteza em lida.
Tal fim tem quasi sempre as lições della.
Tóma, celeste Urania, a Lyra de ouro,
E expõe canóra o sônho portentoso
Que achei logo depois cruel verdade:
Tu, que dos Ceos o movimento sabes;
Tu, em cujo compasso os Ceos se abrangem,
Tu pódes referir em metro idóneo

Como eu por elles discorri. Dormia:
Eis, sobre argenteas nuvens conduzido
Mais rápido que a Aurora, e mais brilhante;
Inda mais do que o éther transparente
Fluctuando-lhe o manto, matizado
De púrpura de branco, e azul celeste;
De mil vivos luzeiros circumdado,
E toda radiósa a fulva côma;
Com gesto nada alegre, mas sereno
Empyrea magestade resumbrando,
Hum Genio me arrebata: absorto, e mudo,
Co'a rapidez da luz, a-vôo-sôlto
Na escála do Infinito remontando,
Debaixo de meus pés o Sol contemplo;
De Médicis os Astros luminósos,
Satéllites de Jupiter sublime; (1)
Os de Saturno, e seu Annel variavel; (2)
O Psalterio de Jorge; e, ha pouco achados,(3)
Ceres, Pallas, e Juno, e Vesta; e outros (4)
Planetas: novos Ceos, e novos Astros,
Astros, ou Mundos, que no espaço immenso
Em permanentes Orbitas gravitão,
Dos Homens ao saber desconhecidos,
E atégora não mais que imaginados:
Até que, muito além dos Astros fixos,

---

(1) Descobertos por Galileo.
(2) Descobertos por Cassini, e Huyghens.
(3) Ou Herschel: assim chamado do nome de seu descobridor.
(4) Descobertos por Piazzi, Olbers, e Harding.

Lá na abóbada immensa, e rutilante,
Perennes Paços do perpétuo Dia,
Todos cheios de luz, de luz compóstos:
„ O Empyreo he este: (diz-me o Genio,e pára.)
„ O Empyreo he este, que Tu vês; infindo
„ Theatro perennal de gloria immensa.
„ Na magestósa, altissima Montanha,
„ Que de vista se perde ante os teus ólhos,
„ De santa escuridão todo involvido
„ Tem seu Throno o Senhor Omnipotente:
„ Quasi sempre as Celestes Potestades
„ De seu Summo Esplendor o aspecto gózão,
„ E alguma vez dalli se amostra aos Justos:
„ Porém neste momento está velado
„ A toda a Creação. Contempla, adóra „
E tocando-me os ólhos c'huma préga
Do manto roçagante, avigorou-me
A vista deslumbrada, e quasi cega
De tanto resplendor! Não ha columnas
Que a magnifica abóbada sustentem;
E toda de saphyras e diamantes
Parece que discorre marchetada,
Tão longa que de alcance aos ólhos fóge,
E até na dimensão fatiga a idéa!
Mil bordadas de Sóes, e Sóes sem conto,
Quaes pérolas de orvalho matutino,
Avanção na infinita immensidade
Fulgurósas, amplissimas estradas,
Donde apenas dispersos se descobrem,
E minimos, e quasi imperceptiveis
Pelo vasto Universo immensos Orbes,
Bem como os turbilhões de pó no Estio,

No velóz movimento confundidos.
Mortal, de humano affecto combatido,
E ás Mundanas idéas afferrado;
Mortal, que dos Mortaes geme o destino;
N'ampla imaginação vezádo há muito
Do mortal, e immortal, effeitos, causas
A unir as relações, buscar o immenso
Interno fio que religa tudo;
Eu por entre os luzeiros sempiternos
Procurava debalde o ponto opáco,
Qual se affigura o nósso globo, a Terra,
Na vastidão universal perdido:
E, qual pela floresta, que abastecem
Vetustos, carregados arvorêdos,
Com furibundo estrépito medônho
Impetuoso furacão bramando
Em rápido, revôlto remoinho
Sacóde as folhas entre o pó desfeitas,
Escácha os ramos, e derriba os troncos;
Assim por minha alvorotada idéa
Turvas se revolvêrão, revezadas
Em confuso tropel, soberbas, iras,
E a turba inteira das paixões humanas.
Quão mesquinha, ai de mim! quão miseranda
Se me antolhou então a Humanidade!
Talentos, perfeições, grandezas, famas,
Seus dons melhóres de ufanìa, e gosto
Parecêrão-me troncos derribados,
Desfeitas fôlhas, escachados ramos;
Ou fumo que, elevado em densa núvem,
Dos ventos ao soprar se desvanece;
Ou espumósas bôlhas, que rugindo

Na arêa arrója o mar, e o vento abate.
  Todo o humano saber julguei chyméra:
O repouso acompanha a Sapiencia,
Mas o humano saber não tem repouso;
Nem he verdade que se augmentem gostos
Segundo a nossa erudição se augmenta,
Antes, pela incerteza deslustrados,
A inquietação seus quadros desfigura.
Quando, aljófares toda, a Aurora assôma
Rosada as portas do Oriente abrindo,
O misero, que geme em pobre leito,
Sônha talvez que he Rei; mas no horizonte
Sólta as crinas Eóo, o sônho foge (5)
Esvaêce-se o Rei, e o pobre geme.
O Mundo he todo assim: sonhâmos todos,
E raras vezes de hum sonhar ditoso
Pendente brilha da Ventura o sello.
Com fátua prevenção o váo tentamos
Que immensamente invadeável corre,
E nos sepára os campos do futuro;
Contra os males por-vir nos prevenimos,
E fálta-nos vigor no mal presente:

---

(5) Digo antes Eóo do que outro da Quadriga de Phebo, porque, segundo a sua etymologia, Pyróo designa os primeiros revérberos do Sol, ainda debaixo do horizonte; Eóo, o tempo em que brilhão os seus raios, já surgidos da athmosphera; Ethon, quando elles refulgem na sua maior força; e Phlegon, quando o Sol cadente parece approximar-se da Terra, e immergir-se no Oceano.

Como o fraco Soldado em roncas vence
O Exercito que marcha ao longe ainda,
Mas, no ponto do ataque, espáduas vólta.
Opiniões, desejos nos falsêão;
Quaes de hum pantano, ou lago se alevantão
Exhalações, phosphóricos vapores
De enganoso clarão, que em negra noite
Desencaminha o viandante illuso.
Andão d'invôlta os erros co'as verdades
Da confusão no bojo mal distinctos,
Quão mal sabemos no materno seio
Porque arte os óssos se compõe, concrétão:
E, após de huma ventura que não chega,
Em pouco discrepante gyro eterno
Circum-corremos com perpétua frágoa
Sempre mais da verdade, ou menos longe;
Quaes, por impulso rápido, os Planetas
Longe do Sol que os esclarece, avanção,
E, retendo-lhe a fuga a opposta força,
Nas ellipticas O'rbitas discorrem.
Os Homens podem pouco, e intentão muito:
Presumem saber muito; e, embevecidos
Na construcção dos Orbes meditando,
Vivem sem que a si proprios se meditem,
Morrem sem que a si proprios se conheção:
De argutas invenções jactanciósos,
„ Prodigio „ clamão, se hum segredo achárão
Já sabido talvez em Eras priscas:
„ Prodigio! „ se do rayo Franklin torce
A devorante, trépida carreira;
Se Mécio acaso o Telescópio inventa,
Ou Guttemberg os Typos falladores:

Mas, no espantoso gólphão das idades
Agora alçados, submergidos lógo
Dos seus orgúlhos, das fadigas suas
Não chegão nunca a assazonar-se os fructos:
Por ley geral, que a perfeição lhes tólhe,
Invôltos na ignorancia os Homens nascem,
Famintos de saber os Homens vivem;
E, invôltos na ignorancia envelhecendo,
Famintos de saber á tumba descem.
He a Sabedoria hum vasto Oceano,
E he o humano saber ténue conchinha,
Que, de ondas impellida em outras ondas,
A'tôna róla á discrição das agoas.
Dest' arte soçobrado eu contemplava
Exercitos de Mundos, que marchavão
Por todo de-redor quão longo espáço
Me éra dado abranger com vista agúda;
E por todo esse espaço re-soavão
Gozósos Hymnos de soancia eterna,
Que as de mais luz Angélicas Potencias,
Sacros tons modulando em hárpas de ouro,
No Empyreo em Chóros, jubilando, alternão
Do Creador Supremo ao Nome Summo,
E á Infinita Bondade, Essencia D'elle.
Cada Eterno Attribúto exalta hum Hymno:
Hum a Sabedoria, a Força o outro,
E todos a Belleza, e todos tudo.
Coméção: e de júbilo inundadas
As Empyreas abóbadas vacillão,
E as Esphéras harmónicas re-sôão.
„ Ente Immenso, Immutavel, Sempiterno,
„ De toda a perfeição Todo Perfeito,

„ De tudo Creador , Senhor de tudo ;
„ O' do Universo Architector Supremo ,
„ Principio , e Fonte Universal da Vida ;
„ O' de tudo o que he bom Primária Origem ,
„ Oceano sem margens , e sem fundo
„ De que tudo procéde! ante os Teus Olhos
„ Tudo he pequeno e fraco , infórme e rúde ,
„ A Grandeza illusão , chiméra a Gloria ,
„ Limitado o progresso do Infinito ,
„ E hum ponto a immensidão da Eternidade !
„ Dos Astros as lncî-fluas torrentes
„ São ténues gôtas do esplendor supremo ,
„ Em que repousa a Magestade Tua !
„ Tu hes Sol Infinito , que fulgúras
„ Em perenne zenith : Teus Resplendores
„ Com immutavel força eternos brilhão :
„ Dos Tempos a cadéa immensuravel
„ Tu a médes sem tempo , e cada instante
„ Equivale em Teu Seio a Eternidade !
„ Tu foste antes que tudo , e foste sempre ,
„ Hes , e sempre serás : Presente a tudo
„ Por Força , e por Saber , Tua Vontade
„ He Ley universal , e sempre a mesma ,
„ Bôa infinitamente : immenso róla (6)
„ Debaixo de Teus pés todo o futuro :
„ Tudo em Ti principia , acaba tudo ;
„ Só Tu não terás fim , nem tens princípio ,
„ E hé princípio a Verdade em Teus Decretos ,

---

(6) Dei perfecta sunt opera , et omnes viae ejus judicia. *Deuteron. C.* 32. *V.* 4.

„ Juiso eterno o da Justiça Tua! (7)
„ Em Ti todo o Saber, Poder, Belleza, (8)
„ Tudo vés, tudo sabes, podes, mandas,
„ E tudo ordenas, formosêas tudo: (9)
„ Se hum só momento o Teu Poder cessasse,
„ Deixaria de ser tudo o que existe;
„ E, dos eixos ruindo os Mundos todos,
„ Com terrifico horror se affundarião
„ Do Nada universal no abysmo infenso!
„ Contar quem póde as Maravilhas Tuas? (10)
„ Quem penetrar, nem conceber ao menos
„ A immensa profundez dos Teus Mysterios? (11)
„ Disseste aos Ceos = Surgi = e os Ceos surgírão:
„ Disseste ao Mar, e á Terra = Congregai-vos =
„ E logo congregou-se o Mar, e a Terra:
„ Disseste á Solidão = Acaba = e logo
„ Se povoárão Ceos, e Terra, e Mares!

---

(7) Principium verborum tuorum veritas: in aeternum omnia judicia justitiae tuae. *Psalm.* 118. *V.* 160.

(8) Apud ipsum est sapientia, et fortitudo: ipsum habet consilium, et intelligentiam. *Job, C.* 12. *V.* 13.

(9) Quam magnificata sunt opera tua, Domine! omnia in sapientia fecisti: impleta est terra in possessione tua. *Psalm.* 103. *V.* 24.

(10) Quis enim investigavit magnalia ejus? *Ecclesiast. C.* 28. *V.* 3.

(11) Quis enim hominum poterit scire consilium Dei? *Lib. Sap. C.* 9. *V.* 3.

„ A' Tua Vóz Omnipotente as azas
„ Fechão os ventos, as procellas dormem,
„ E no Mar, que bramia, as ondas jazem!
„ A hum Teu Acêno Imperios se alevantão,
„ A hũ Teu Acêno Imperios se despenhão;(12)
„ Erguem-se Montes, Montes se dissipão;
„ Astros se ensombrão, trevas se esclarecem;
„ Mundos re-nascem, Mundos se anniquilão;
„ Estremecem os Ceos, e os Orbes párão! (13)
„ Os trovões, pavorósos rebramando,
„ Nos fuzis inflammados annuncião
„ Teu Immenso Poder, e a Gloria Tua:
„ E os Zéphyros suaves susurrando,
„ Tempesteando os Euros desfreados;
„ Serenamente murmurando as agoas,
„ As ondas irritadas remugindo;
„ Ardentes areáes, terrões amenos,
„ Valles, planicies, bosques, e montanhas,
„ Collinas, despenhados, fragoeiros;
„ Das flores o matiz, o viço, o aroma;
„ Das árvores o fructo, a cópa altiva;
„ O rojar do reptil, zumbir do insecto;
„ Gorgeando as Aves, os Leões rugindo;
„ A confrangida tumidez dos Mares, (14)

---

(12) Conturbatae sunt gentes, et inclinata sunt regna: dedit vocem suam, mota est terra. *Psalm.* 45. *V.* 7.

(13) Columnae coeli contremiscunt, et pavent ad nutum ejus. *Job*, *C.* 26. *V.* 11.

(14) Et dixi: Usque huc venies, et non proce-

„ Da Terra a fecundez , e as graças della ;
„ Dos Ceos a magestosa immensidade , (15)
„ O espectaculo augusto do Universo ,
„ Tua Magnificencia apregoando ,
„ Tua Sabedoria Eterna próvão !
„ Ninguem te comprehende , e todos te amão :
„ Cantão-te os Homens , Seraphins te exaltão ,
„ E fica tudo áquem da Gloria Tua.
„ Adonai , Jehováh , tres vezes Santo ,
„ Adonai , Jehováh , tres vezes Gloria. (16)
Acábão : e de júbilo estremecem
As Esphéras harmónicas , e abálão-se
As arcádas do Empyreo , reboando :
E renóva-se o Cantico , e proseguem
Ineffaveis , perennes melodias ;
Tanto melhores que as do Pindo , quanto
He mais rápido o vento do que as aves ,
Mais rápido o relampago que os ventos ,
E mais bella , e melhor a luz que as trévas.
Com eterna harmonia , que os ditósos
Podem sómente Espiritos gozalla ,
Do Empyreo pelo vasto pavimento
Legiões beatificas innumeras
De gloria rutilantes discorrião :

---

des amplius , et hic confringes tumentes fluctus tuos. *Job* , *C.* 38. *V.* 11.

(15) Coeli enarrant gloriam Dei , et opera manuum ejus annuntiat firmamentum. *Psalm.*18. *V.*1.

(16) Adonai Domine , magnus es tu , et praeclarus in virtute tua , et quem superare nemo potest. *Judith* , *C.* 16. *V.* 16.

„ O'lha, conhece-a „ diz-me o Genio : os ólhos
Vôlvo súbito . . . oh Ceos ! ainda occupa
Minha imaginação a imagem bella !
Vôlvo súbito, e vejo, e reconheço
Aquella, tão formosa co'a virtude,
Que nunca a púde ver sem que a julgasse
Tão vossa como a luz ! Firmina vejo, (17)
Mas quanto mais formosa ! com que lume,
Com que divo esplendor, melhor que os Astros,
Fulgurávão seus ólhos, refulgia
Seu rosto todo luz, divino todo !
Inda pelo seu gesto apparecião
Huns longes do que foi ; por seu semblante
Inda a antiga virtude resumbrava,
Mas tudo ethéreamente melhorado,
E de angélicas fórmas revestido.
„ He Olympia illusão, (prosegue o Genio)
„ He Olympia illusão, e he quanto has visto
„ Da grandeza dos Ceos exígua imagem :
„ Ante os ólhos mortaes não póde abrir-se
„ A magestósa, Empyrea immensidade.
„ He Olympia illusão, não he Firmina,
„ Mas breve o tem de ser : dos seus Eleitos
„ Reservão sempre os Ceos a pulchra imagem,
„ E sempre em Chôro Angelical scintilla
„ Até chegar mysterioso instante
„ Que na imagem o Espirito se infórma,
„ E ao Todo Poderoso entôa os hymnos.
„ Firmina ao seu predestinado assento

(17) A Senhora D. Firmina Carlota da Sylva Serva.

„ Cedo tem de subir : da gloria sua
„ Fólga, que eternamente he venturósa;
„ Mas, pois que sempre nos mortaes destinos
„ Gôsto se alterna, e dor; chóra-lhe a perda,
„ Que em breve o Mundo perderá Firmina,
„ E ráras tem o Mundo as cópias della.
„ Sobre o leito de dor Firmina geme,
„ Longas tribulações da Humanidade
„ Já começa a soffrer: não te confies
„ De fátuas esperanças lisongeiras:
„ Quaes por entre hum cerrado nevoeiro
„ Vês os raios do Sol rompendo a furto,
„ Suaves apparencias de melhóra
„ Lhe hão-de circum-voar, porém debalde;
„ Mais violentas as dores, mais penósas
„ Recrescerão depois; até que, sôlto
„ O Espirito gentil do véo terreno
„ A' Eterna Origem se remonte, e súba,
„ Unido ao Choro Ethéreo, a ser qual viste
„ Luzeiro perennal no Empyreo Santo.
„ A duração da vida, ou breve, ou longa
„ D'ante-mão pelos Ceos está marcada:
„ Nenhum Mortal os seus destinos vence;
„ E os grandes dons do Ceo, no Mundo raros,
„ Quando gozallos desmerece o Mundo,
„ Da máchina Mundana desligados
„ Vôão precóces á Celeste Origem:
„ Assim Firmina, em quem eu sei que exalças
„ Os dotes que do Ceo em cópia ha tido.
„ Bem como vês das árvores as fôlhas
„ D'agoa na superficie andar suspensas,
„ Os Destinos Mortaes vão suspendidos

„ No Terreo Globo, e na vital carreira;
„ A Doença os atalha, a Morte os fixa,
„ E ábre-lhe a Eternidade o seio, aonde
„ Os vai prendendo á universal cadêa
„ D'eterna progressão: em breve hum élo
„ Desta cadêa comporá Firmina.
„ Chora-lhe a perda, canta-lhe as virtudes,
„ E celébra-lhe a gloria em largo Canto
„ Pelos ays da saudade interrompido;
„ Em quanto, os teus destinos pre-enchendo,
„ Como de Astros o campo do Infinito,
„ De angústias se povôa o passo estreito
„ De tua breve, trabalhósa vida „
Acabou, e eu tremi; e, hum ay! soltando,
Rompeo-se o sônho, e despertei: tão triste
Como, depois de hum dia bem sereno,
Huma noite mui negra, e tormentósa:
Ou qual, se entre esperanças, e receios
Pavoroso negrúme, e trovoáda,
Tormentas, e perigos superados;
Já com Ceo azulado, e Mar bonança,
Pela barra aboccando, o Nauta cuida
De em-breve espairecer saudoso a vista
No seu patrio terreno aventurado;
Mas, descuidado o Mestre, e revolvidos
O tôrvo Bóreas, e Aquilão potente,
No vasto plaino dos desertos ares
Rivaes soberbos pelejando irados,
Sóprão impetuósos, e arremessão
Sobre o banco, ou cachopos, que negrejão,
O Lenho que, ao tocar estremecendo,
Todo se abre, e divide, e se destróça;

E elle, saltando ao Mar que se acapella,
Pallido, ancioso, e mudo palpitando
Dos Sócios seus entre o clamor confuso;
Elle, do horror da morte arripiado,
Cortando afflicto a-longo-custo as ondas,
Sálva-se apenas em desertas prayas,
Onde, escorrendo os húmidos vestidos,
Ao largo alonga os espantados ólhos,
E contempla o naufragio miserando.

Fim do I. Canto.

CANTO II.

Sans affecter d'orgueil, et sans montrer de crainte
La douce majesté sur son front était peinte:
La modeste innocence, et l'aimable pudeur
Regnaient dans ses beaux yeux, ainsi que dans son coeur:
Son malheur ajoutait à l'eclat de ses charmes.
Voltaire, *Marian. Trag. Act.* 5.° *Scen.* 7.ª

Colei di gioja trasmutossi, e rise;
E, in atto di morir lieto, e vivace
Dir paréa: s'apre il Cielo, io vado in pace.
T. Tasso, *Jerus. Lib. C.* 12. *Est.* 68.

Et quod verebar accidit. *Job*, *C.* 3. *V.* 25.

ROmpeo-se o sonho, e despertei: que angustia!
Facilmente as venturas se esvaècem,
Facilmente as desgraças se confirmão.
Desgrênha as tranças d'ébano, desáta
O mavioso pranto com que infundes
Piedósas affeições em peito Estóico:
Tóma a Cythara ebúrnea, e Plectro de ouro:
He Firmina o motivo: eia, desfére
Tão módulas, tão flébiles sonancias

Quaes nunca desferiste, acompanhando
O Cantor de Philandro e de Narciza, (1)
Nem de Lesbia o Cantor: meu pranto ajuda, (2)
Acompanha, Melpómene, o meu pranto,
Que he tudo o que eu sonhei cruel verdade.
Sobre o leito de dor Firmina geme:
Já lhe estão de-redor da Morte as sombras,
E em-breve cerrarão seus ólhos bellos;
Como, erguidas de limpido horizonte,
Correm medônhas negrejando as nuvens
Até que, humas com outras glomerádas,
Roubão a luz ao Sol, ao campo as côres.
Com profundas angústias, que refrêa,
Suspirando a infeliz, cada suspiro
He dolorósa, lúgubre mensagem
Que em dura lida oppressa a Natureza
Envia pelo Tempo á Eternidade.
Os annuncios do Ceo não falhão nunca:
Sobre o leito de dor Firmina geme,
E em-torno della pávida se ajunta
Desollada Familia lagrymando,
Quaes de-redor do ancioso Pegureiro
Se únem balindo as timidas Ovelhas,
Quando por negros Ceos com vento, e chuva
O medônho trovão rebomba, e brada.
Làgrimas fervem, demandando auxilio:
Acóde officiósa a Medicina,
E, ajudada da Chymica potente,
Obriga que risônha alguns momentos

---

(1) Young.
(2) Santos e Sylva.

A Filha de Minerva, a bella Hygêa
Visite a miseranda, amada Enferma.
Sobre róscidas nuvens scintillantes,
Das que, menos pesadas, mais jucundas
Na athmosphéra do Sol, sem vento, gyrão;
Presagio de outro somno mais profundo,
Somno refrigerante os Ceos mandárão, (3)
Que manso-e-manso lhe pousou nos ólhos,
Suáve como o hálito das flores
Que, na plúma dos Zéphyros levado,
Se espalha deleitoso, e se diffunde
Pelo sereno azul do ethereo espaço
Na Estação que remóça a Natureza.
  Qual depois de nocturna tempestade
Que, os mares e as florestas revolvendo,
Derriba as chóças, e ameaça as torres;
Se os turbulentos Aquilões se appláção,
E o Sol rutíla do Oriente ás portas
Rarefazendo os húmidos vapores,
Alégrão-se as campinas, alevantão
Ao profícuo fulgor arbustos, flores
Os açoutados, descahídos Topes,
E já pelos vergéis sonóras sôão
Meigas canções de alîgeros Cantores:
Tal, depois de acerbíssimos combates,
Depondo hum pouco a Enfermidade as iras,
E, pelo rosto de Firmina abrindo
Hum clarão da letîfica Saúde,

---

(3) Cum dederit dilectis suis somnum, ecce haereditas Domini. *Psalm.* 126. *V.* 3.

Tornou-lhe aos ólhos o esplendor , e ás faces
Seu alvo mimo , que matizão rosas ,
Brilhantes como a púrpura da tarde
Em dia que d'hynverno está sereno.
A' maneira de hum rio transparente
Onde todas as agoas vão manando
Das convisinhas fontes argentadas ,
Em Firmina os cuidados confluíão ,
Em Firmina os desvélos se empregávão :
Todos palpitão , todos a deplórão ,
E da amargura os ays pelo ar se encrúzão
Com desmayada côr tingindo os rostos ;
Porém volvem-se os ays em riso alegre ,
E fóge a pallidez , fugindo o susto ;
Como os sónhos da noite se dissipão
Ao rutilar da refulgente Aurora :
Ea pávida Familia , o terno Espozo ,
E os consternados Pays , bebendo alento
Na illusão da esperança , ao Ceo mil graças
Envião lédos de prazer sorrindo.
Mas ay ! fragil prazer de humanos peitos ,
Mesquinha condição da Humanidade !
Quando mais de ázas sóltas a Esperança
Córta , e recórta os campos da Alegria ,
Mais rápidas então , mais penetrantes
Vôão da Desventura hervadas settas ;
Mais pesadas então , então mais tôrvas
Do Desengano as vózes apavórão
Afflictos corações , que apenas pódem ,
Tremendo , duvidar ! . . Do horri-sonante
Flagello os golpes estendendo a-miúdo
Sobre os negros Frisões ; e , em pé soberba

No sombrifero Carro, aos sôltos ventos
As tenebrosas roupas alargando;
Co' a sombra, de mysterios protectôra,
Obscurecendo, e denigrindo os ares;
Rápida a-plenas-mãos silencio, e somno
Do alto dos Ceos a Noite derramava:
Tranquillo tudo parecia... ay! nunca,
Nunca em nenhum dos hemisphérios nossos
He presistente a páz! Glacilo eis entra, (4)
Demudado no gesto, a côr perdida,
Com suór de afflicção, com pranto amargo
E, alto arquejando, a soluçar se encosta.
Eu, mîsero de mim, bem que avezado
Da Desventura aos golpes, mal-cuidôso
Deste fundo revéz, e o charo Amigo
Anciando consolar „ Porque te affliges,
„ Glacilo? (interroguei) Suspende o pranto,
„ E falla, e desaffóga, que he suáve
„ Nossas magoas fiar de quem nos ama „
= Desprevenído Oleno, os teus conselhos
„ Vão já talvez em lágrimas solver-se =
„ Que me queres dizer? = Eu quero, eu busco,
„ Talvez debalde, d'Esculápio hum Filho
„ Que tem morada em visinhanças tuas:
„ Errado o procurei... cansaço, e angustia
„ Me tem, qual Tu me vês, desfallecido:
„ Por momentos talvez Firmina expira...
„ Mesmo agora a deixei quasi expirando:
„ Como doudo corri buscar-lhe auxilio...

---

(4) O Senhor Gonçalo José Rodrigues Vianna.

„ Não sei se o levarei que a tempo chegue =
Estremeço de dor, ensino-o; e elle
Com voz truncáda replicou = Firmina
„ Está quasi a acabar, talvez agora
„ A vou achar já morta... = Suffocada
Sahio-lhe esta expressão, e proseguindo:
= Mas, se chegão a effeito os meus temores,
„ Talvez a minha dor tambem me mate =
Disse, apertando as mãos; partio, chorando.
Como de Athlas se conta, e Polydéctes,
Convertidos em pédra á vista horrenda
Do formidando Escúdo, accrescentado
Co' a cabeça da Górgona Medúsa;
Assim, arripiado, e espavorido,
Como estátua fiquei co' a infausta nova!
E, do Genio as palavras recordando,
„ Em-breve o Mundo perderá Firmina „
Repeti, titubando amargurado,
E involuntario borbulhou meu pranto.
Meu pranto borbulhou, e há muito as faces
Aos tristes Pays, ao miserando Esposo
Crestava ardente em crystallinas bôlhas;
Qual, se as lavas ignívomas arrója,
Abraza o Etna de Trinácria os campos.
Tornou-se em magoas a alegria, em medos
Converteo-se a esperança: como o Nauta
Já vendo os montes do seu patrio ninho,
De júbilo palpita, imaginando
Ser a que faz com próspero galerno
Em mar de leite singradura extrema;
Mas d'improviso os furacões ruidósos,
De negra nuvem rebentando, irritão

Os mares, que revôltos ennegrecem;
Espúmão desboccados galopando
Os verdes Hippocampos de Neptuno;
Tôrvo o Ceo, brame o vento, as ondas úrrão;
E elle, para evitar parcéis, e escôlhos,
Mette o leme d'encontro, o rúmo vólta,
E outra vez para o largo a prôa inclina;
Até que, fadigóso manobrando,
De vista perde a suspirada terra,
Nem já póde ver mais que Ceos nublados,
E montes d'agoa remugindo irósos.
Qual do estupendo, horrîsono congésto
Das termerósas, túmidas procellas
Na cima de árduo monte suspendidas,
Negra núvem se rompe, e corre, e desce,
E al-fim, medônha rebentando em rayos,
Sumptuoso palacio em cinzas vólve;
Da torrente dos males que flagellão
A especie humana, arremessou-se horrenda
Agúda, dolorósa Enfermidade
Que, após longo penar, promette a morte
A'quella cuja vida he tão prezada,
A'quella que merece eterna vida.
Fundas tribulações, crueis angustias
Ancêão de Firmina o peito brando:
Miseros ays, misérrimos queixumes
Em vóz soffrida brandamente espalha:
Mas dóe ouvilla; e, de a ouvir cortados,
Todos, no coração com dó profundo,
Gemendo, enxúgão piedoso pranto:
E, no mal de a perder imaginando,
D'espaço a espaço fógem-lhe carpindo,

Quaes vão piando pelo bosque as áves
Que amedrenta o pavor da tempestade.
„ Misera Esposa! Miseranda Filha! . .
„ Oh! não vos descuideis da Humanidade,
„ Dai-nos auxilio, ó Ceos,„Com pranto exclamão
Esposo, e Pay, e qualquer delles busca
Encobrir suas lágrimas: outr'hora,
Juntos as vão chorar; e outr'hora ensáyão,
Ambos desconsolados, ambos tristes
Mútua consolação, porém debalde.
Sobre o leito de dor Firmina geme,
Vibrações violentas lhe extenúão
Os membros delicados; lhe exacérbão
Dores crueis nas intimas entranhas:
Qual virente collina graciósa
Que os hórridos vulcões rugindo abalão
Até que pavorósos estrondêão,
Com flammas crepitantes rebentando
Onde talvez a terra mais fecunda
Mais bellas produzia amenas flores,
Off'recendo aos errantes armentîos,
Entre viçósa relva, em pingues pastos
O thymo redolente, e o rosmaninho.
Funesta Enfermidade, ah! não, não quero,
Como alguns Mysantrópos, exaltar-te
Por dádiva dos Ceos: os Ceos não múdão
As immutaveis leys, que, em gyro eterno,
Desde o principio, a Natureza regem. (5)

(5) Statuit ea in aeternum, & in saeculum saeculi: praeceptum posuit, & non praeteribit. *Psalm.* 148. *V.* 6.

O bem, e o mal săo leys; dalli procede
Teu hórrido vigor: he com teus gúmes
Que ao nó da Vida os melindrósos laços
Corta a Anniquilação, e della os Entes
Tem natural horror: da Humanidade
Tu hes hum grande mal, e hum mal preciso:
Teu effeito cruel he sempre a angustia,
E pŏe a angustia o soffrimento em próva:
Mas o longo soffrer, turbar não póde
D'alma formosa a mansidăo serena;
Anciada géme a vóz do corpo enfermo,
Porém tranquillo o espirito repousa,
Quaes no fundo de límpida alagôa
Quiétas ficăo repousando as ágoas
Que as viraçŏes na superficie encréspăo.
Quando a vida he feliz, saber gozalla
Só he difficil a insensatos nescios
Que o gosto estrágăo, que o prazer profanăo;
Porém, quando os trovŏes da Desventura
Rebramăo longamente pavorósos,
Sómente he dado aos virtuósos peitos
O accôrdo não perder, soffrer constantes:
Alma, que na Virtude está segura,
Sopporta com firmeza os transes todos;
Depurando-se ao lume da Constancia
Na desdita reálça-se a Virtude:
Firmina desgraçada, e virtuósa
Dourando tudo com celeste agrado;
E dos labios pendendo-lhe hum sorriso,
Que he mais encantador na mocidade,
Refulge mais pelo ditoso brilho
Da quietaçăo, que recompensa os Justos:

Firmina, resignada ás Leys Eternas,
Sopportando constante os seus martyrios,
Em seu longo penar mais gloria alcança;
Como frequentes do martello os golpes
Na incúde o ferro aperfeiçoão, como
Se púle a pedra ao repetido embate
Das murmurantes, borbulhósas ágoas.
Que espectáculo, oh Ceos! tão lastimôso!
A Virtude a soffrer!.. Nenhum objecto
He mais interessante á Humanidade:
O que mais nos admira, mais commove,
E interêsse maior nos estimúla
Quanto mais viva commoção sentimos.
Firmina soffre, oh Ceos! e tão paciente
Que em tão grave soffrer apenas géme!
O soffrimento seu lágrimas cústa,
Só ella o dó geral não acompanha,
A todos move o pranto, e não prantéa.
Assim, quando sibila impetuósa
Tremenda tempestade, que destronca,
Desfáz abastecidos arvorêdos,
Resistindo-lhe ás furias magestoso
No cúme da montanha hum Cedro avulta.
Firmina soffre, oh Ceos! e, quanta podem
Parte nas suas afflicções tomando,
De-redor della suspirando arquejão
Pura Amizade, e Amor: e a tríste, a bella,
Domando co' a Virtude a Humanidade,
Contrastando a impressão dos seus tormentos,
E a propria dor piedosa sopeando,
Porque nos outros dóe; sorrindo meiga,
Como rósea manham por Ceos d'hynverno;

Com tranquilla apparencia, interna angustia
Sobre o trístônho cîrculo derrama
Brandos olháres de sereno lume :
Como os Anjos talvez, do Empyreo olhando
As sottopostas lúcidas Espheras,
Descendo a ethérea vista, o Mundo observão
Quando espantoso o rayo crepitante,
A colubrina farpa dardejando,
Se arrója sobre a grimpa d' altas torres,
E em pedaços a pompa lhe derruba.
Mas ay! tanta virtude que aproveita?
Vence Virtude a Dor, não vence a Morte,
Cujo dominio sobre a Terra he tudo :
He co' a Morte funesta realidade
O que atéqui no Despotismo he sônho,
E sempre o tem de ser; do Mundo o mando,
O Sceptro universal só ella empunha,
E Déspota sem freyo a tudo attenta,
E Tyranno commum peóra tudo :
A seu maligno sôpro cahe murchada
A graciósa flor da Juventude :
Que sôpro tão cruel! ah! não dóe tanto
Quando já fatigada a Natureza
Abandôna decrépita, e curvada
A's ruínas do Tempo a Humanidade :
Porém na Primavera da Existencia,
No almo viçôr dos florescentes annos,
D' eminentes virtudes adornada
Ver cahir a Belleza em mãos da Morte;
Como ao bramir dos Aquilões lutantes
Cáhe a Rosa, ou a Túlipa esmaltada
De purpúreo matiz, de grato arôma;

He dor tão grande que suspira o Mundo,
E até parece que os rochêdos gémem!
Tudo junto em Firmina o Mundo perde,
Em verdes annos virtuósa, e bella;
Bella inda mesmo no amargôr da angustia,
Bella inda mesmo annuviado o rosto
Co' a sombra da tristeza moderada,
Que patentêa o soffrimento interno:
Assim, após do Estio entrádo o Outono,
São menos rutilantes, mas formósos
Os frugiferos dias ensombrados
Que amostrão moderada a Natureza.
A vida he sombra, que decáhe ligeira,
Ténue vapôr, que se dissipa, e foge;
E as graças, e o repouso da Virtude
Não são defensas que da Morte guardem:
Fâna-se o Lyrio candido, e jucundo
Nos mansos valles que tranquillo adorna.
Em gyro eterno a Natureza segue
Eternas Leys, que alteração não soffrem:
No círculo da immensa Eternidade
Está determinado, está prefixo
Quanto em pequenos circulos acaba,
Volve, e revólve pelo Mundo o Tempo:
Como hum habil Pintor sobre a palhêta
Prepara as tintas que o painél decórem,
Dispõe a Natureza em bens, e em males
O claro-escúro de seu quadro immenso;
E são fuzis da universal cadêa
Nosso vario destino, e vida, e morte.
Foi Ley viver Firmina, amado exemplo
D' Esposas ternas, d' extremósas Filhas;

He Ley morrer Firmina, exemplo infausto
De mil perdidos dons na flórea idade,
Chorada Esposa, e Măy, chorada Filha:
E morrerá, não me illudia o Genio:
„ Em breve o Mundo perderá Firmina „
Firmina morrerá: são passageiras,
São da sua melhóra as mostras falsas,
Qual fátuo fogo d' igneos Meteóros
Que improviso apparece, e brilha, e foge.
Ella mesma o sentio, disse ella mesmo
Com prophético espirito „ Eu conheço,
„ Eu sinto em mim que morro: nas entranhas
„ Hum não sei que me falta; hum vão parece,
„ Ou na verdade he vão, e o vão he morte „
Dizia, e fundamente suspirava,
Com celeste sorriso apaziguando
A funesta impressão dos seus suspiros;
Como, d' entre os negrúmes do horizonte
Rompendo a-custo o Sol, dourar promette
O ameno azul dos Ceos, que as nuvens tóldão.
Só ella não, todos os mais se alégrão
Prestando crédito á illusão suáve
De risônhas melhóras apparentes:
E eu, que de há muito em agourado enleio
Por sua vida receáva, olhando
Sua constituição tão melindrósa,
Seus delicados membros, combatidos
Por affecções d' espirito violentas;
Eu mesmo, que tambem cruel doença
Com farpa agúda me pungia os nervos;
Eu mesmo, ao sônho meu máo-grado, ay triste!
Inda assim, d' esperanças illudido,

Cevando na illusão o meu dezejo ,
Lédos programmas ordenando em mente ,
E os canticos da Gloria imaginando ,
As Musas invoquei : mas ay ! as Musas ,
Que , os livros do Destino folheando ,
E dos arcânos seus volvendo o cófre ,
Seus profundos segredos desentranhão ;
As Musas , que solértes , e facundas
Médem pelo passado o que he presente ,
E de ambos elles o por-vir dedúzem ;
As Musas , do futuro sabedoras ,
Por essa occasião comigo esquivas ,
De soçôbros o peito me opprimírão ,
De pavôres a mente me toldárão !
E apprehensivo , arripiado , e mudo
Fatal presentimento em mim clamava :
„ Firmina morrerá : crueis assaltos
„ Redóbra a Enfermidade , as forças faltão ;
„ Pouco póde durar , Firmina morre „
Eis o termo fatal , cumprio-se o agouro ;
Todo o remédio he vão , empenhão todos ,
Todos debalde , préstimo , e fadiga :
Debalde anciósos suspirando vélão
Esposo , e Pay , e Irmãos : debalde afflicta
Com maternal desvélo a Mãy piedósa ,
Em contínuas vigilias porfiando ,
Sacrifica o descanço ; e , com suspiros
A penósa tarefa interrompendo ,
Aos Ceos auxilio implora : a Medicina
Debalde applica as Apollineas hervas ;
Antifebrís , e tónicos debalde ,
Debalde os paregóricos se empregão ;

Lentamente os remédios operavão,
Nas vêas galopando a Enfermidade:
E, recrescendo os hórridos symptômas,
E toda a Therapeutica esgotada,
Cede a Arte á Natureza, e a Vida á Morte
Céde o triumpho em que o cypreste he palma.
Vinte vezes Novembro sacudíra
As verdes tranças do pomóso Outono,
Que, já madurecidos os seus fructos,
Se aprestava a deixar os murchos campos
A' discrição do nebulóso Hynverno: (6)
Já hum confuso, e rouco murmurinho
Recorre pavoróso em bôcca, e bôcca,
Como quando as sonóras tempestades
Começão a agitar o Mar, que rúge.
„ Oh! Filha, a quem amei com tanto extremo,
„ Para que ao meu amor os Ceos te derão,
„ Se tão cedo, ay de mim! perder-te devo?.. „
Dizendo, ao Pay as lágrimas descião
Dos ólhos, onde em vão contellas busca,
Pelas pallidas fáces em torrente
Sobre o convulso peito borbulhando.
Pungidos n' alma de saudoso affecto
Todos com vão queixúme o ar povôão:
Mais que todos o Esposo desatina,
E „ Oh! minha Firmina! (exclama, e treme)
„ Minha já não, porque te rouba a Morte.

---

(6) Falleceo aos 20 de Novembro, havendo enfermado em Outubro de 1817. como fica indicado logo no principio do 1°. Canto.

Com pranto se intèrrompe, e continúa:
„ Oh! como he certo, como dúrão pouco
„ Os laços com que Amor prende a Ventura!
„ Ay! e as delicias que gozei comtigo
„ Todas agora em mágoa se convertem,
„ E em magoas sempre viverei. Onde outra
„ Acharei como Tu?.. Oh? não, nenhuma
„ Tomará teu lugar: minha saudade
„ Tal não consentirá, antes por ella
„ Talvez deixando a vida que aborreço;
„ A vida que por Ti eu tanto amava,
„ A vida que sem Ti me pésa tanto;
„ Antes, amada Esposa, antes bem cedo
„ Me abraçará comtigo a Eternidade „
Assim dizendo em lágrimas se inunda,
O'lha, e não vê nem hum só rosto enxuto.
Inda parece que a Saúde ás vezes
Com seu formoso brilho, e cor mimósa
Tinge da bella Enferma o rosto bello,
E a sombra a todos da tristeza fóge;
Mas rápido o fulgor se desvanece,
E volve a pallidez que indica a Morte,
E a sombra a todos da tristeza volve:
Assim, quando as procellas tumultúão
Do undi-multi-fluo Oceano os campos êrmos,
Parecem reprimidas recolher-se
As ondas, pelo vento sublevadas;
Mas logo, em rôlo erguidas recrescendo,
Rouquejão, furiósas açoutando
As prayas, que outra vez bramindo investem:
E assim, quando avançada corre a noite,
E húmida névoa condensada offusca

O manto azul das nítidas Estrellas;
Se com pleno semblante a Lua surge
No encoberto horizonte, a-pouco-a-pouco
Com sua tibia luz serena, e pura
D' altas collinas, d' orvalhósos prados
As sombras affugenta; até que, erguida
Sobre o alto dos Ceos, penetra, espalha
Amena claridade em densos bosques,
Deleitoso clarão nos fundos valles:
E o triste, emmudecido Viandante,
Olhando esclarecida, e certa a estrada,
Já menos receôso dos perigos,
Ao Ceo os ólhos levantando, sólta,
Delicia no trabalho, a voz, cantando:
Mas logo os ventos de Levante assóprão,
E, em suas ázas húmidas trazido,
Tólda negro vapôr a face á Lúa;
Tornão as sombras a cahir, negrejão
Mais pavorósos montes, e florestas,
E esmorecido o triste Viandante
Emmudeçe outra vez, de novo teme.
  Serena como a Lúa, e mais fórmósa,
E co' a tranquillidade da Virtude,
Já das sombras da morte circumdada
Firmina desfallece: o sangue pára,
O frio vai gelando extremidades
De seu languido corpo; e, a desatar-se,
Já nas azas o Espírito se libra
Para o vôo soltar: da Morte o Anjo,
Da parte do Oriente descendendo,
Largo fluctúa o manto, inda mais negro
Que da noite o pavôr; florêa a espada

Que mais do que os relampagos flammeja ;
E, das azas de fogo que soltára
Hum pouco recolhendo o vôo activo,
Modificando o gesto formidavel,
Fulgúra sem horror ante os seus ólhos:
Em todos mais o pállido soçôbro,
Em todos mais perturbação, e espanto
Das azas invisivel derramava,
Mas, da Gloria aspirando-lhe os fulgores,
„ Para a Eterna Cidade te encaminhas „
Dizia-lhe: e risónha ella escutava, (7)
Arquejando com menos anciedade
Entre a angustia mortal. Da vida as scenas
Inda na idea levemente esbóça,
A Filhinha gentil inda lhe lembra,
Lembrão-lhe Esposo, e Pay ... suspira a Bella,
Esposo ... e Pay ... suspira; os turvos ólhos
Inda volve em-redor, e busca vellos ...
Foi a ultima vez: da Morte o Anjo,
Erguendo aos Ceos a espada flammejante,
As solemnes palavras pronuncía
Que elle, como da Morte os outros Anjos
Pronuncião no ponto em que, da vida
Quebradas as prisões, o Mundo deixão
Os Eleitos do Ceo „ A terra á terra,
„ O pó ao pó, e a cinza á cinza torne,
„ Remonte aos Ceos o que dos Ceos proveio: (8)

---

(7) Laetatus sum in his, quae dicta sunt mihi: In domum Domini ibimus. *Psalm.* 121. *V.* 1.

(8) Et revertatur pulvis in terram suam, unde

„ Desligue-se a Materia : desce , ó Morte ,
„ Tôrva Anniquilação , abre o sepulchro ,
„ Tóma o corpo mortal : sólte-se o Espirito ,
„ E triumphante pelos Ceos viáje.
„ Eis a hora final „ Firmina escúta ,
E com hum profundissimo suspiro
Hum ay ! supplicador desprende anciósa ;
Dão-lhe passagem livre ao ay ! piedoso
As virtudes , que em circulo aguardavão
A Alma gentil , para voar com ella ;
Como a dão os alígeros Favónios
Da Philoméla aos plácidos queixúmes ,
Que deleitão os bosques circumstantes.
Recebe o Anjo a súpplica , revôa
N' hum só instante de-redor do leito
Por vezes sette ; e , á septima parando ,
Vibra tres vezes a tremenda espada ,
Erguida para os Ceos. Então , mais rápida
Que as settas zúnem , se despenhão tôrres ,
Que os ventos bramem , se revólvem mares ,
E que das nuvens se despede o rayo ,
De-chófre a Morte inexoravel desce ;
E , as frias azas pallida estendendo ,
Cobre o leito de dor : Firmina treme
Co' a final convulsão ... pasmada , e muda
Já não vé , já não ouve ; já tardônho
Lhe pulsa o coração ... ei-lo parado :
Escuros para sempre os ólhos fecha ,

---

erat ; et spiritus redeat ad Dominum , qui dedit illum. *Ecclesiastes* , *C.* 12. *V.* 7.

Sólta o extremo arranco ... expira, e vôa,
Mais rápida que a luz, e o pensamento
Sua Alma pura á região dos Astros. (9)

---

(9) Veniat pax: requiescat in cubili suo, qui ambulavit in directione sua. *Isäias*, *C.* 57. *V.* 2.

Fim do II. Canto.

CANTO III.

E Tu partisti ! O' rinnoviamo il pianto ,
Torna lugubre suon , tornami al cuore ;
Raddoppia , ócupa notte il tetro ammanto ,
Siegui l' idée del flebile Cantore.

Bertola Noit. Clement. C. 3.° *Est.* 41.

Quis desiderio sit pudor , aut modus
Tam cari capitis ? Praecipe lugubres
Cantus , Melpomene , cui liquidam Pater
Vocem cum cythara dedit.

Hor. L. 1. *Od.* 24.

Versa est in luctum cythara mea , et organum meum in vocem flentium.

Job , *C.* 30. *V.* 31

Voôu sua Alma luminósa , e pura ;
E as trévas , que deixou , tambem me abrangem.
Com cinco gyros o hybernal Dezembro
Sacóde os gelos da nevósa grênha :
Mais de ametade da usual carreira
Tem já prefeito a Noite ; o campo ethéreo
Co' as negras azas pávida cobrindo :

Escondem-se nas trévas circumfúsas
As orgulhósas tôrres de Ulisséa,
E jazem tão calados como hum êrmo
Seus opulentos, populósos muros;
Só zúne o vento, sibilando irado,
Só se ouve nos cachópos refervendo
O pavorôso frémito das ondas:
Tudo em longo silencio está deserto,
Tudo he somno, mudez, tristeza, e sombra;
Reyna a paz, o pavor, a escuridade
Que eternamente os túmulos habita,
E hum túmulo parece a Terra toda,
Ou que toda n' hum túmulo se fecha!
De horas a horas se repétem noites,
E em todas este quadro se repete
De negras tintas, pavorósas côres:
Mas do Sabio sómente he meditado,
Sómente o Sabio algumas horas conta;
Vão quasi todas empegar-se inertes
No gólphão, no torpôr do esquecimento.
Da Morte o Somno he repetida imagem,
A Morte he somno eterno, e as sombras suas
São imitadas por nocturna sombra.
O Silencio he da Noite, e Somno, e Morte
Essencial attributo; a essencia sua
Nutre a tristeza, e de pavor se nutre.
Eu vélo neste horror; eu penso, e gemo,
E no meu coração a paz não reyna:
Sobre tantos de lágrimas motivos
Mais este me provóca, e vai com elle
Minha imaginação por negro espaço
Mais negros avultando os meus pezares.

Batendo as longas azas estridentes,
Que imitão no zunido os sons da Morte,
Sobre a minha cabeça eu vejo, eu ouço
O Genio da Tristeza em surdas vózes
Clamar desentoádo, e gemebundo:
,, Como os rios no hynverno trasbordados
,, Com medônho fragôr o campo inundão,
,, Teus Versos, de tristeza trasbordando
,, De magoa os corações, e lucto inundem,,
Ouvi, e me assaltou, e arremessou-se
Com pavorósas flammas crepitando
Em ondas e ondas o E'stro impetuôso:
Cheio de sua irrepulsavel força,
O passado, o por-vir, observo, escruto;
Abranjo em minha idéa os tempos todos,
E resúmo na mente o Mundo inteiro;
Contemplo as maravilhas do Universo,
Medito as árduas Leys da Natureza,
Balanço as condições da Humanidade;
E, outras cento huma idéa germinando,
Em meu revôlto pensamento ajunto
Com longa admiração tristeza longa.
Ajudai-lhe o pavor, mantende a força,
Objectos de terrivel magestade,
Sitios funestos, lúgubres assombros
Em que a Imaginação delirios céva:
Antros medônhos, pávidas Florestas
Onde penetra a-furto a luz do dia,
E onde os rayos do Sol não entrão nunca:
Valles desertos, áridas Montanhas,
Que só povôão ríspidos abrólhos,
Que só habitão solitarias aves:

Lugares onde o Horror, o Espanto mórão;
Dai-me as tintas da Morte; em sombras della,
Em frios, melanchólicos terrores
Nutri minh' affliççāo: redóbra, ó Noite,
Teu hórrido pavor; bem densas trevas,
Quaes no meu coraçăo, no Céo negrejem:
De soluços, de pranto interrompidos,
Todos pesados de lethal tristeza
Fére os teus sons, Melpómene, acompanha
O piedoso som dos meus lamentos;
Meus Versos banha de teu sacro inflúxo,
Como elle magestósos, e tristônhos,
Profundos como a sombra dos sepulchros;
Palpite quem os ler; e, palpitando,
Comigo a meditar, comigo gema.
Firmina feneceo! a Sombra sua
Na minha phantasia inda voltêa:
Cuido ver-lhe a figura, a voz ouvir-lhe...
Mas he tudo illusão: retêve-a a Morte;
E para sempre ficará retida
No cárcer da perenne Eternidade.
Tambem eu correrei igual destino:
Já da vida a manhan tenho gastado,
Estou no meio-dia..... antes que chegue
Ao fim da tarde, póde ser que desça
Aos ólhos meus precipitada a noite:
Porém quando.?.. não sei: aos Homens todos,
Portento a vida; he hum segredo a Morte:
Breves os annos vão correndo, e avanço,
Para mais não volver, da vida a estrada:
Imagino ver próximo o seu termo,
Segundo sinto frôxas, e cançadas,

Antes de tempo; da existencia as mólas;
E engano-me talvez: talvez negreje
Mais perto do que eu cuido, ou mais ao longe
Assomará talvez: sempre arriscada
Em dúvidas, receios, e esperanças
Toda a vida mortal se gasta, e finda:
Nossa Imaginação sempre incançavel,
Dos Tempos a carreira precedendo,
Alarga-se nos campos do Futuro,
Que, todo acobertado de mysterios,
Só nos dá por certeza a Eternidade.
Fonte antiga dos Tempos, e dos Mundos,
Perennal, portentoso, immensuravel
Gólphão que tudo reprodúz, e absorve,
Augusta Eternidade, eu te saúdo:
Immutavel, profunda, e sem limites,
Tão proxima estás hoje ao teu principio
Como antes que tomasse o Cáhos fórma;
Antes que a lúz affugentasse as trévas;
E antes que pelas Leys do movimento
Se ordenassem os Corpos, se ordenasse
A innumeravel multidão dos Mundos
Que, no ethéreo Oceano fluctuantes,
Com assombrósa rapidez contínua,
Tomando o meio entre as oppóstas forças,
Vão discorrendo de-redor huns d'outros,
Sobre o seu eixo cada hum rodando:
E quando, lá no fim dos tempos todos,
Do Nada na horrendissima voragem
Se abysmar outra vez este Universo:
Quando, rôta dos Sêres a cadêa,
E extinctos os celestes Luminares,

Ficar, de tudo o que he, sómente o espaço;
Do teu fim como agora tão distante,
Inda então seguirás futuro immenso
D'interminavel duração: teu manto
Acólhe quanto ha sido, e o germen guarda
De tudo o que ha-de ser; nas prégas suas
Buscarei teu asylo venerando:
Eu te saúdo augusta Eternidade.
Firmina feneceo! este infortunio
Destérra-me o prazer, e accorda, incita
O desprêzo do Mundo, e encantos delle:
Magóa-me o presente, e me desgósta;
Afflige-me a lembrança do passado,
E pérco-me nos êrmos do futuro:
Apoucão-se dezejos, e esperanças;
E até sinto esfriar o amor da gloria,
Que tantas vezes, ao clarão nocturno
De huma pállida alampada curvado;
Qual nos jógos Olimpicos outr' hora
O Auriga, impaciente apressurando
A fuzilante, rápida carróça;
Fez com que eu vigilasse, revolvendo
Escriptos immortaes de augustos Sabios
Que,inda depois da morte, o Mundo instrúem.
Firmina feneceo! só desta idéa
Todos meus pensamentos se alvorótão,
E todos são de dor, retumbão todos
Dentro em meu coração! Assim ferida
Huma só chórda em músico instrumento,
Da aérea vibração as mais se accordão,
E, ao longo todas resoando a hum tempo,
Pelo concavo harmónicas echôão.

Que pégo tão profundo a Natureza,
Que todo o engenho, e sapiencia humana
Não o pódem sondar! as mais das vezes
O effeito vemos, sem saber a causa.
De causa ignóta he hum effeito a vida,
He della necessario effeito a morte,
He della para a morte o passo estreito,
E á morte vezes mil se ignora a causa.
Do Tempo á Eternidade a Morte he guia,
Em parte apenas se conhece o Tempo,
Desconhece-se ao todo a Eternidade;
E he sempre incerta, como o Tempo, a Vida,
E, como a Eternidade, a Morte he certa:
E em mórbidos cochins, ou taboas tôscas,
Entre odorósos myrthos, ou rochêdos,
Em toda a parte nos espera a Morte;
Igualmente vindoura, embora seja
Madura, ou verde, ou decadente a idade.
He hum gólphão a Vida, he outro a Morte:
Ambas compõe da Natureza a ordem
No portentoso plano do Universo;
Seus segredos porém se abrir pertendo,
Nas azas do arrojado Pensamento
Das Sciencias cruzando inteira a estrada,
Chegado ao auge em que, de si soberba,
Ostenta mais grandeza a Humanidade,
Depáro em seu limite os Sabios todos
Duvidósos como eu, como eu calando. (1)

---

(1) Vidi cuncta quae fiunt sub sole, et ecce universa vanitas, et afflictio spiritus. *Ecclesiastes*, *C.* 1. *V.* 14.

Parece que, das mãos da Natureza
Do eterno arcano arrebatando as chaves,
De seus profundos cofres desentranha
As mal sabidas Leys que regem tudo;
E, nos fogósos Mares do Infinito
Co'a Bússola do Engenho achando o rumo,
Newton dos Orbes delinêa o gyro!
Mas da força centrífuga assombrósa
Aonde a causa de que vem o impulso?
Qual a essencia da Luz? Quaes elementos
Compõe os Orbes que no espaço gyrão?
Do Pensamento a primitiva origem
Qual foi? quaes sejão as balizas suas?
E como he órgão seu substancia estranha?
E como?.. e como?.. titubeio, e páro:
Accumúlão-se as dúvidas, e temo
Co'as liquefeitas plumas despenhado,
Pena devida ao temerario arrôjo,
Novo Icaro dar nome a nóvos Mares.
Tem certo o naufragar, quem se aventura
Pelo vasto Oceano do Infinito:
Dos Homens o saber prosegue, e sóbe
Até ao ponto em que a Rasão se perde
No Cáhos Metaphysico, enredado
D'hypótheses, de avêssas conjecturas,
D'escholásticas vans; e então declina,
Como o Sol do horizonte radiando
Sobe em pompa ao zenith, e affrôxa, e desce
Até que immerge no Oceano o Carro.
Abranda os sons, Melpômene, allivía
Das longas reflexões o peso grave:
O Entendimento he máxima Alavanca,

Que, todo o péso da Ignorancia erguendo,
As eternas Verdades patentêa;
Mas ante o Vulgo não se dévem todas
Sem véo patentear: não foi sem causa
Tanta reserva no moderno Sabio,
Que negava de abrir ingénua a dextra
Quando a tivesse de verdades chêa: (2)
Não foi sem causa que o facundo Egypto,
Colôsso do Saber, que á Eternidade,
Pyramidáes Colóssos levantando,
Scintillante de gloria ergueo seu Nome;
Não foi sem causa que, de Sciencias e Artes
Alli constituindo Archivo eterno
Maravilha de todas as Idades;
Debaixo de seus Symbolos, e Emblemas,
D' Hieroglyphicos seus mysteriósos,
Lições do Sabio para o Vulgo enigmas,
O segredo acatou; huma a doutrina,
Mas com formas diversas, e adequadas
A' ignorancia vulgar „ Esse recato
„ Co' a Rasão, Hyerophante, mal se ajusta:
„ (Disse hum zelòso Iniciado) eu quero
„ Disseminar no Vulgo as mui sublimes
„ Verdades que de Vós tenho aprendido „
= Terás de sem remedio arrepender-te,

---

(2) „ Si j'avais la main pleine de verités, je me garderais bien de l'ouvrir „ dizia Fontenelle: e dizia bem; porque, se poucas são as verdades absolutas, são ainda menos os Homens aptos a recebellas.

„ Soffrerás ignominias, e tormentos,
„ Morrerás de má morte, se o fizeres:
„ (O Sabio lhe tornou) esse que adóra
„ Monstruôso Crocodilo o Vulgo cego,
„ He menos monstro que elle: o cego Vulgo
„ Mil e mil philosóphicas verdades
„ Escuta com escandalo, e com ira:
„ Indifferente espectador tranquillo
„ Dos movimentos deste Mundo externos,
„ Não busca examinar-lhe a mola occulta
„ Falso em opiniões, vário em juisos,
„ Quão falsas são em qualquer corpo as côres
„ Que por córados vidros contemplamos,
„ E quão varias n' hum quadro, ou bordadura
„ As mésclas que lhe põe a luz, e a sombra
„ As reflexões do Sabio são perdidas
„ Entre o bulicio vão do Vulgo ignaro,
„ Como o clamor de hum mísero que géme
„ Por antigas florestas transviado
„ Em tenebrósa noite, e terra estranha. „
Dictames taes a Experiencia abóna:
Abstrahido em profundos pensamentos
Hum Genio transcendente, hum Sabio póde,
Soltando inteiro á phantasia o vôo
Das idéas geraes o marco estreito
E os limites transpor da Humanidade:
Póde, cortando o circulo presente,
Arrojar-se no immenso do futuro,
E d'entre a escuridão colher verdades:
Póde em tudo pensar, julgar de tudo;
Porém do Vulgo recatar-se deve,
Que, affouto decisôr, e insano, o Vulgo

Sempre decide tudo, em tudo errado:
Na bócca de Catão árduas sentenças
Tem por fábulas vans: em seu conceito
Foi réo, foi ímpio Sócrates divino;
Impio foi Anaxágoras, Demétrio,
Abailard, Galileo, Bacon, Descartes;
E ímpios talvez serião Locke, e Newton
Vindos n'outro Paiz, ou n'outra Idade.
Feróz superstição incende os nescios:
A ignorancia he no Vulgo herança, e timbre;
E sempre ignáro, e vão, mudavel sempre
Desconhece o character da Virtude,
E as linhas com que a recta Sapiencia
Sepára o bem do mal. Teus sons abranda,
Limita-te, que o Mundo he limitado;
Desce de tom, Melpómene sublime,
E, antes que reflexões, lágrimas sólta.
He máo o que melhor parece ás vezes,
E ás vezes bello o que peor parece;
Antólha-se cadêa de montanhas
Intrataveis, estéreis, escarpádas,
O que achâmos depois caminho ameno
De verdes sombras, flórida verdura.
O chorar he hum mal, porém na angústia
He desaffogo, e lenitivo o pranto.
Choremos pois, Melpómene, acompanha
O piedoso som dos meus lamentos:
Firmina recordando, e os dotes della,
E chorando-os depois perdidos todos
Ser-me-ha doce o chorar, quanto he gostoso
Ao lasso, encalmecido Viandante,
Quando o Sol corre a-pino, e que atravessa

Aberto mattagal, charnéca ardente,
De hum próximo rochêdo ouvir sonóras
As agoas despenhar-se borbulhando,
E offerecer-lhe á calma, e á fadiga
Nos limpidos crystaes o refrigério
No plácido frescôr suave alento.
Como eu, que tanto, e puramente a amava;
Como eu, que ainda lhe idolatro as cinzas,
E ardendo em estro lhe eternizo o Nome;
O' Vós Sabios Amigos da Virtude,
Qualquer de Vós, se a conhecesse, a amára.
Tu, que, em seus dons embellezado, outr'hora
Comigo em recordallos te aprazias:
Tu, que a miúdo suspirando alternas
Doces lembranças, lágrimas saudósas,
Chóra comigo, mísero Glacilo:
Almas sensiveis, virtuosos peitos
Chorai comigo, deplorai-lhe a perda.
Firmina era ditosa, se no Mundo
Póde chamar-se algum Mortal ditoso:
Em reciproco amor, mútua ternura,
Que mais e mais lhe vinculava o tempo,
Com seu Esposo desfructava unidas
Da paz, e d'hymenéo delicias puras;
Suave fructo deste amor, crescia
Na idade, e gentileza a chara Filha
Cuja innocencia, e graças lhe excitavão
Riso delicioso, e ás vezes pranto:
„ Taes são de meu Esposo os ólhos meigos,
„ Tal he o talhe de seu rosto „ E elle:
„ Assim Firmina o gesto gracioso,
„ Assim tem garbo, e vóz, brandura, e mimo,

„ E o sorrir divinal, o olhar sereno
„ Que no meu coração domina tanto „
Dest'arte, contemplando-a, cogitavão
Olhando mutuamente o seu retrato;
E, com suave impulso palpitando,
Cobrião-na depois de affago, e bejos.
Bella como Diana, procurando
O seu formoso Endymião, Firmina
Buscava o leito conjugal; deixáva-o
Como a Aurora em manhan de Primavera
Tão formosa, e louçan; como ella erguida
Em tudo de-redor mimosa, e meiga
Suavissima alegria derramando.
Se alhêa desventura, ou caso estranho
Lhe magoáva o coração piedoso,
Como a Pomba fugindo ás tempestades,
Depunha mavióso as magoas suas
No seio amado do querido Esposo:
Se a elle da Fortuna algum desvio
Lhe amargurava, e descahia o gesto
Mil-cuidadósa então, então fagueira
Com suaves caricias, brandas vozes
Lhe alliviava o desprazer; bem como
Alenta o fresco orvalho as murchas flores
Que o Sol ardente, que o Suão crestára:
E elle, de cada vez mais enlevado
Nos attractivos, nas virtudes della,
Sua fortuna, e os Ceos abençoando,
Em si dizia „ Venturoso o Homem
„ Que tem, como eu, huma fiel Consorte
„ Com dotes corporáes, e dotes d'alma „
Firmina era ditosa: em ponto, em auge

Quanto amor paternal, quantos extremos,
Quanta póde em Mortaes haver ternura
Toda achou em seu Pai; e ella extremosa
Tão bem lho compensou, que nunca poude
Dos braços seus sem lágrimas partir-se!
Da carinhósa Mãy desvélos meigos;
Affago dos Irmãos; geral respeito,
Benevolencia, admiração, e affecto
Tudo obteve, e gozou; tudo attrahia
Como dos Ceos a Lua magestósa
Attráhe, e eléva do Oceano as agoas.
Firmina assim viveo: virtuósa, e bella
Sem vans ostentações, sem vãos ornatos
Toda a frivolidade desdenhando;
Tendo sómente em preço a gloria, o ouro
Pelo uso moderado, e proveitoso;
Achando alto prazer, se os empregava
Em proveito de alguem; e separando
A nobre emulação da torpe inveja,
A cavilósa intriga da verdade,
E a falsa hypocrisia da virtude,
Como se extrêma em chymicos ensayos
O mais baixo metal do que he mais nobre.
Amado exemplo de seu Sexo amavel,
N'alma formósa, entendimento agúdo,
No brando peito, como em cofre, unía
Da Humanidade as condições primeiras,
Bem como as sette primitivas cores
N'hum só rayo de luz se inclúem todas.
Mas como póde hnm'alma virtuósa
Ser insensivel aos baldões da Sorte
A que tanto infeliz curvado geme?

E, sentido as alhêas desventuras,
Como ha-de ser feliz; se o seu destino
De as poder emendar lhe não consente?
Como ha-de ser feliz, olhando, e vendo
Alrotar orgulhósas abastanças
A abjecta Estupidez, o Vicio ignáve;
E atropellado o Merito gemendo,
E gemendo a Virtude em desamparo?
E o traidor, lisongeiro, maldizente,
Fabricador de pérfidos convicios,
Charlatão de philáucia intumecido
Que, na relé dos vicios enlodado,
Quasi tudo o que diz, ou faz he erro,
Com escandalo público ostentando
Os patrocinios seus! em quanto géme
Desvalido, e talvez de alguns olhado
Com desdem apparente, e ódio interno,
Recolhido e modesto o véro Sabio
Devorando em silencio a propria angustia,
Da Patria nos destinos meditando,
E ao proveito geral votando ancioso
Profundas reflexões, moráes dictames;
Profundas reflexões, que ferem n'alma;
Moraes dictames, reflexões, verdades
De que estremecem pallidos Tyrannos;
Verdades que o Philósopho só cuida,
Mas que faceis se aprendem, se insinúão
Em proficuas lições no tom das Musas. (3)

---

(3) Et cor stultorum intelliget scientiam. *Isaias*, *C.* 32. *V.* 4.

Firmina assim gemeo: sua fortuna,
Á seus nobres dezejos comparada,
Era pequena e fraca, era mesquinha,
Bem que prósperamente lhe assoprasse.
As mágoas de continuo repetidas
O estâme vão da Vida enfraquecendo
Até que em mãos da Morte o fio estála.
Firmina feneceo! Chorai comigo,
Almas sensiveis; virtuósos peitos;
Chorai comigo, deplorai-lhe a perda.
Tão clara e pura discorreo-lhe a vida
Como no Estio por musgósa rócha
Manso regato limpido murmúra;
E assim mesmo acabou: seréna, e léda,
Fulgente exhalação d'ethéreo lume,
Dócil se desligou sua Alma pura
Das terrenas prisões; e, ladeada
Das Virtudes, que a vida lhe esmaltárão,
Com ellas alvejando, e refulgindo
Subio ditósa á residencia dellas.
Mas com longos, e lúgubres clamores
Resôão da tristeza as vózes roucas;
Fundos gemidos, lágrimas, queixumes
Repétem-se, renóvão-se, retumbão
Pelo ar ferido, e luctuósos téctos!
Assim retumbão fundamente os valles
C'o estrondôso rondão de tronco, e tronco
Que as nocturnas, horrísonas procellas
Do cúme das montanhas despenhárão.
Co'as azas do pavor se cobre tudo:
Negro parece o dia, amplo negrúme
Pela imaginação se estende a todos.

Instavel scena dos mortaes destinos,
Scena toda a-final de horror vestida!
Já todos fógem, abandônão todos,
Desvião; negão com espanto os ólhos
A'quella que inda, poucas horas antes
Buscando, e vendo com desvélo ancioso;
Com doce encanto, com affecto olhavão!
E entre o medroso horror de seus delirios
Apenas brilhão fugitivos quadros
De suaves lembranças, que a saudade
Cobre logo depois com tinta escura.
Já com som pavorôso os sinos brádão:
„ Firmina feneceo, Firmina he morta;
„ Chorai Orphãos, Viúvas desvalidas
„ A quem ella accodio com mão piedosa„
Crépes se arrastão, pórticos negrejão,
E, prestes todo o fúnebre apparato,
Já o funéreo Coche, accompanhado
Do cortejo de dó, vai vagaroso
Caminhando ao lugar da sepultura:
Vão do caminho ao-longo derramando
As tóchas funeráes tristeza, e medo,
Qual pelas trévas pállido Cometa
Vai pavorôso a lampejar, fugindo.
Já chegão: e na turba circumfúsa,
No promíscuo tropel que se amontôa
Lavra hum surdo rumor; como rouquejão
As ondas enrolando-se banzeiras,
Da próxima tormenta inda lembradas:
A'brem-se, os fachos empunhando múdas,
Em longo fio luctuósas álas:
E, a intervallos erguendo a vóz solphada

Religioso Chôro em tom medônho
Vai o confuso Povo apavorando,
Como de-quando-em-quando, em muda noite,
O trovão rebramando, ao longe, irado.
Eis sobre o funerário leito pousa
O corpo inerte, regelado, e inane,
Cadúco resto de mortal belleza...
Resto ainda formoso, amado ainda:
Pesadamente as azas alevantão
Hymnos da Morte em musica soturna,
Tão mesta, e melanchólica, tão triste
Como a recordação dos bens perdidos;
Tão triste que dos sons que se prolongão
A escuridão dos túmulos se augmenta,
E nos valles a Noite escúta, e geme:
Pausão ... fechado o féretro retumba;
Retumba no final encerramento
A lôbrega mansão, e, em longos échos
O horrendo som dobrando-se nos ares,
Alto as do Templo abóbadas rebôão.
La guarda a fria lousa o corpo frio:
Verde flor de manhãn, murchada á noite
Jazeo Firmina em paz; e á luz, ao dia
Nunca mais tornará: seus ólhos bellos
Nunca mais se hão-de abrir, a rósea bôcca
Mais não ha-de fallar, e as mãos mimósas
Ninguem mais soccorrer! La jáz, não torna,
Nunca mais tornará: mas sempre viva
Será nos corações pela saudade,
E por meus Versos a Memoria sua.

Fim do III. Canto.

CANTO IV.

Parla, parla dal Cielo ov' hai soggiorno,
Parla, parla dal Cielo, ó sospirata
Anima incomparabile, e beata.

Bertola, Noit. Clement. C. 3.ª *Est.* 2.ª

Sem que jámais de excelsa gloria mudes
Lá recebeste immarcescivel c'roa,
Premio devido a tuas mil virtudes.

Santos e Sylva, Sepult. de Lesb. C. 10.

Ecce omnia haec vidit oculus meus, et audivit auris mea, et intellexi singula.

Job, C. 13. *V.* 1.

TEnho triste gemido em longo Canto,
E em rouco som desconcertados Versos;
Que, no auge do pavor da tempestade,
Eloquente Orador fallar não póde
Com phrases d' elegancia compassadas;
E, quando o coração affógão mágoas,
Não póde o canto resoar canóro.
Eu cantava, eu carpia; e, meditando,
Dolorôso, profundo sentimento
Ao coração as magoas me attrahia,

Qual sobre a torre o conductor erguido
A eléctrica materia attráhe das nuvens:
Escaldadas c'o fogo da saudade
Dos ólhos, a ferver, se debruçávão
Involuntarias lágrimas; e os Versos,
Em continua, e caudal torrente ardendo,
Tambem com ellas ao papel descião.
E quaes, de hum róble co'a insensiva força,
Triple-forrados corações de bronze
Das lagrimas a fonte vedarião,
Negando-lhe o tribúto do seu pranto?
Nunca objecto de lagrimas tão digno,
Nunca de Versos mais feliz assumpto
Algum Vate excitou! Ingénuas Graças
Que, melhor que a Belleza, ornais o gesto;
Santa Modestia, que a Virtude exalças;
O' Turma ethérea, Condições augustas
Por cujo brilho, cujo influxo alcança
Assômos de divino hum Ente humano!
Ay! todas, todas de Firmina houvestes
No casto peito candida morada.
Quando achareis igual?.. Em vida, e morte
Com vivo exemplo de moral sublime
A' virtude exhortou. Chorai, ó Nymphas,
Chorai da piedade o terno pranto,
Com saudosos suspiros misturado;
E, recordando o luminoso exemplo,
Seu alvo trilho repizando attentas,
Tereis Cantores que as virtudes vossas
Nâ Fama elévem, dedilhando a Lyra.
Mas já dos melanchólicos queixúmes,
Dos pállidos delirios da amargura

Tempo he de suspender a vóz, e o pranto,
Depois de tantos míseros combates,
Deste Mundo infeliz em fim partida
Firmina em melhor Mundo existe, e góza
Formosura immortal, perpetua gloria:
Como, depois de chuva e tempestade,
Nas rarefeitas, orvalhósas nuvens
Mil-corada refulge Iris formosa.
Cedo fugio de nós sua Alma pura,
Para a Amizade, e para Amor mui cedo!.
Mas, por sua ventura, a tempo idóneo.
Cedo dizemos nós que veio a Morte:
Porém, quando ella sólta o sôpro infesto,
Do illegivel seu livro temerôso
Nas bronzeas folhas d'escriptura eterna
Tem já lavrado o omnimotor Destino
Rubrica horrenda, o formidavel „ Basta „
Termo immutavel que articúla apenas,
E eis que negreja o término da vida.
Esta lembrança as lagrimas enxúgue,
E mais não dêmos da piedade o pranto
A quem, do seio da Ventura olhando,
Talvez de nos ouvir terá píedade:
Que, nem que sobre a cinza lhe chorêmos
Tres vezes mais do que Hécuba cançada
Chorou por sua amada Polycena;
Nem, se eu mais ternos sons desentranhára
Que o Thrácio Orpheo da Lyra milagrósa
Que os rochédos, e as árvores movia;
Ay! nem assim quebrára o somno eterno
Com que jazeo Firmina! A ley da Morte
Não soffre transgressão, e em grandes males

Hé único remedio o soffrimento.
Larga o plectro, Melpómene: não sôe
A tua flebil cythara, não sigas
O piedoso som dos meus lamentos.
A tristeza, o silencio, o horror da noite
Dão fructos de repouso, e o Sabio os cólhe;
São férteis sempre para o Sabio as sombras
Pela meditação d'altas verdades:
Dellas fortaleci minh'alma ingénua,
E, dourando o negrume dos meus fados,
Hum momento de páz me affága a vida.
Volve, celeste Uránia, e a Lyra de ouro
Despósa a Olympios sons: a influxos della
Vêrtão tranquillidade os meus Cantáres
Voando-me liberta a phantasia
Dos tormentósos turbilhões do Mundo.
Espirito ditoso que, librado
Sobre invisiveis azas, e despido
Do terreno involtório, te recrêas
Pelos ethéreos Orbes divagando;
Se inda escútas, Firmina, as vozes minhas,
Se inda me vês, minh'alma tranquilliza;
Da-me ténue porção do teu repouso,
Doce parcella da eternal ventura:
Teu amavel semblante, que n'outr'hora
Julguei cópia do Ceo, oh! dá que o veja
Fulgente agora d'esplendor celeste:
Outra vez a meus ólhos te affigúra,
Que, se eu agora hum Mundo possuisse,
Por te ver outra vez daria o Mundo.
Mas illudo-me, ou sonho?.. Oh! qual scintilla
Ante os meus ólhos luminósa imagem!

Não me illudo, he Firmina...eu vejo-a...eu ouço-a.
He ella, he sua voz, seu rosto... he ella:
Santo respeito as fibras me recorre!
He ella, que formosa, e tão serena
Como em Abril sorrindo a Primavera;
He ella, que tranquilla, e magestosa,
E d'immortalidade revestida,
Com angélica forma se apresenta
Toda radiando ethéreos resplendores:
Quasi como se o A'rbitro Supremo,
Menságem de ventura, ao Mundo hum Anjo
Envia, que, inclinado descendendo,
Pelo éther deixa luminoso sulco
Que de ouro abrio co' as azas coruscantes.
Eu te saúdo, Espirito ditoso,
Sôpro divino, Emanação celeste:
Quando em corpo mortal foste involvida,
Pura como n'outr'hora os Pays primeiros
Inda em sua innocente mocidade;
Fadigósa lidou a Natureza,
E, toda de seus dons embellecida,
N'alva serenídade de teu rosto
Reverberávão as virtudes tuas,
Benéficas do peito a trasbordar-te
Como se ergue nos vasos, e trasborda
Fermentante o licor. Oh! desce, e falla:
Dimanarão de Ti facundas phráses,
Sublimes pensamentos, abundantes
Como o orválho que a Aurora pudibunda
Salutifero esparge em tempo estivo.
Euros, emmudecei; calai, Favónios;
Ou susurrai suáves, ajudando

A sua doce vóz em meus ouvidos.
„ Eis-me: ouvi teu clamor, minha piedade
„ Aind' agora para Ti se inclina.
„ Hes infeliz, e sobre os infelizes
„ Sempre eu de compaixão lancei meus ólhos;
„ De meu Esposo, e de meu Pay Amigo
„ Mereces-me affeição; e mais agora
„ Porque, memorias minhas accordando,
„ Filhos do coração me dás teus Versos:
„ Elles á minha gloria são inuteis,
„ Mas são uteis ao Mundo; que a Virtude
„ Cantada cresce, e da Virtude o exemplo
„ He guia dos Mortaes á gloria eterna.
„ Eu a gózo: eu habito augustos Paços
„ Donde só por piedade agora desço
„ Sobre Ti, sobre o Mundo a ethérea vista
„ Habito augustos Paços, que em perfeita
„ Perpétua Beatitude submergírão
„ Momentaneas, mortaes, frágeis venturas;
„ Augustos Paços onde em fim, chegando
„ A' perfeição o Espirito, elevado
„ Sublime além da esphéra dos dezejos,
„ Vê quanto imaginára, e góza quanto
„ Ha sido objecto d'esperanças longas:
„ Perpétua Beatitude, a que não chega
„ Toda a humana expressão, e idéa humana;
„ Nem quando, da materia desprendendo-se;
„ Com ímpeto de fogo se arremessa
„ A' ignota vastidão da Eternidade:
„ Perpétua Beatitude, augustos Paços
„ Onde em caudaes torrentes a alegria
„ Continua está correndo, e penetrando

„ Bem pelo íntimo seio a essencia toda
„ Dos Sydéreos Espiritos, que gózão
„ A vista ao Summo Ser d'Essencia Summa
„ Por séculos sem fim sempre ineffavel.
„ Brilha a Verdade alli perenne e pura;
„ Com depravada lingua alli não vérte
„ Enganósos venenos a lisonja;
„ Nem, piedosa innocencia affigurando,
„ Odioso incenso a Hypocrisia offerta;
„ Alli não se penetrão, não confinão
„ Os limites da Dor e os da Alegria;
„ Nem do Remórso as lagrimas descontão
„ Breves prazeres de malvada origem:
„ Não se confunde o Vicio co' a Virtude;
„ Nem ha cavilações d'insana Intriga,
„ Nem há rancores de cruenta Inveja:
„ Nem à Perfidia, que atraiçôa, e folga;
„ Nem a Malicia, que o seu fel disfarça;
„ Nem a Torpeza, que bajúla, e rója,
„ Sua própria maldade contentando,
„ Da audaz Maledicencia invérga as armas,
„ De occultos ódios a crueza serve,
„ E á Grandeza insolente o orgúlho applaude;
„ Desconhecem-se as iras da Soberba,
„ Os sobresaltos da Cobiça ardente,
„ Audácias da Ambição insaciavel,
„ E abusos do Poder: lá não involvem
„ Tenebrósos Politicos Mysterios
„ Da Prepotencia o sanguinário arrôjo,
„ E a vingança cruel: o Despotismo
„ Só entre os Homens, só na Terra existe
„ Oh! nunca elle a túrbida carranca

„ Desça feróz na Lusitana terra,
„ Patria minha que amei, e que amo ainda,
„ Patria minha, e d'Heróes do Ceo bemquistos.
„ O' Despotas, tremei: que a vóz do Sangue,
„ A vóz do Sangue da Innocencia chega
„ Aos ouvidos do Ceo, e o Ceo lhe apresta (1)
„ No rayo eterno rúbida vingança:
„ Desprezando a Virtude, e a Sapiencia,
„ E á Justiça attentando, e á Liberdade,
„ Em ruidôso prazer nadai, perversos!
„ Com vans dissipaçöes, e atróz capricho
„ Esmagai Povos, arruinando Imperios!
„ Desconheça-se a Grecia, submergida
„ Na inércia, na bruteza da ignorancia!
„ Turba aviltada arraste a vida escrava,
„ Nos agóra misérrimos Paizes
„ Onde outr'hora florio a Liberdade!
„ Quaes rezes em nefando sacrificio,
„ Saltem cabeças de Bachás, Vizires!..
„ Lá virá hora em que exclameis tremendo:
= A'bre-te, ó Terra; ó Flammas, devorai-nos;
= Montanhas, despenhai-vos, e sumi-nos =
„ N'altiva Opiniäo, que se näo compra;
„ Na vóz do Mundo inteiro, que näo erra,
„ Vossa condemnaçäo prevendo anciósos,
„ Sevéro embora ordenareis silencio,
„ Ou comprareis prostituidas bôccas
„ A-cargo de louvar flagicios vossos;
„ Que d'entre as oppressöes, d'entre os embustes

(1) Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra. *Genesis*, *C.* 4. *V.* 10.

„ A Verdade transluz, e vos comdemna:
„ Tereis em premio as maldições do Mundo,
„ E em-vão blasphemareis menosprezados;
„ Que, a despeito das iras da Maldade,
„ Nunca de seus trabalhos vem bom fructo,
„ São inuteis, e vans as óbras della: (2)
„ Sereis horror dos Ceos, e horror do Mundo;
„ E os medos que infundis, grilhões, flagellos
„ Que sem causa aggravais aos malfadados;
„ As penas que infligís, as leys torcendo;
„ O júgo insano, que apertais sem têrmo;
„ A escravidão, que impondes orgulhósos,
„ Pesará sobre vós com mais graveza: (3)
„ Como os Cedros do Libano elevados
„ Quem vos vir, mal que passe, perguntando
„ Já o vosso lugar não ha-de achar-se,
„ E até perecerão reliquias vossas: (4)

---

(2) Sapientiam enim, et disciplinam qui abjicit, infelix est: et vacua spes illorum, et labor sine fructu, et inutilia opera eorum. *Lib. Sap. C.* 3. *V.* 11.

(3) Vae qui condunt leges iniquas, et scribentes, injustitiam scripserunt! *Isaias*, *C.* 10. *V.* 1.
Convertetur dolor ejus, in caput ejus, et in verticem ipsius iniquitas ejus descendet. *Psalm.* 7. *V.*17.
Potentes autem potenter tormenta patientur: Fortioribus autem fortior instat cruciatio. *Lib. Sap. C.* 6. *V.* 7. e 9.

(4) Vidi impium superexaltatum, et elevatum sicut cedros Libani: Et transivi, et ecce non erat: et quaesivi eum, et non est inventus locus ejus.

„ Passareis como passa, e como fôge
„ Visão nocturna, e fugitivo sonho, (5)
„ Favilla, ou palha que disparge o vento; (6)
„ Que vossa possessão não era o Mundo,
„ Nem poderá vosso poder salvar-vos. (7)
„ Oh! illumina-os Tu, que não pereção,
„ Santa Religião: por teu amparo
„ Não succumbio minh'alma aos soffrimentos
„ De meu corpo mortal, e nos meus labios
„ Foi menos amargôso o fél da morte:
„ Santa Religião, dos Ceos provinda,
„ Sagrada origem das virtudes todas,
„ Doce fonte de paz que os Homens unes,
„ Divina mediação, cadêa augusta
„ Com que se eleva aos Ceos ligada a Terra;
„ Quando a Superstição, e a Hypocrisia
„ Tómão, para o manchar, teu pulchro manto,
„ Hes espada cruel, rayo espantoso,
„ Idolo abominavel, negro, e tôrpe
„ Banhado pelo sangue da Innocencia,
„ Perseguições, flagicios ordenando!

Injusti autem disperibunt simul: reliquiae impiorum interibunt. *Psalm.* 36. *V.* 35. 36. *e* 38.

(5) Velut somnium avolans non invenietur: transiet sicut visio nocturna. *Job*, *C.* 20. *V.* 8.

(6) Erunt sicut paleae ante faciem venti, et sicut favilla, quam turbo dispergit. *Job*, *C.* 21. *V.* 18.

(7) Nec enim in gladio suo possederunt terram, et brachium eorum non salvabit eos. *Psalm.* 43. *V.* 4.

„ Mas não, Tu não decretas morticinios,
„ Não te nutres d'estragos; Tu detestas
„ Impias destruições, crueis violencias:
„ Homens pela ambição desnaturados,
„ Perversos corações te desfigurão,
„ E ajúda-lhe a ignorancia atrózes crimes:
„ Santa Religião, Tu hes, Tu foste
„ Obra do Creador; eterno sello
„ Da alliança immortal, sacro alicerce
„ Que fundamentas a ventura humana:
„ Só tôrva para os máos; formosa, e meiga,
„ Pacifica, e benéfica, e sublime
„ Os sublimes Espiritos incendes,
„ Fulgente aos puros corações assistes. (8)
„ Celeste he tudo o que eu cogito agora:
„ Com divino clarão, força divina
„ Tenho impressa a verdade em meus sentidos,
„ Jágora limpos de vapôr terreno;
„ Nelles tenho infundida a paz do Eterno,
„ Mais preciósa, e muito mais sublime
„ Do que a humana Rasão, prodigios della:
„ Mil novos, elevados pensamentos
„ Em luminósa multidão revôlvo;
„ Mas devo-os occultar ao Mundo insano,
„ Que não he digno das verdades todas:
„ Co'a vista o Mundo inteiro abranjo, observo,
„ E móve-me a piedade o Mundo inteiro:
„ Investigão-se mais as minas do ouro

---

(8) Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te. *Cantic. Cant. C. 4. V. 7.*

„ Do que as minas sem fim da Sapiencia!
„ Oh! e se os Homens a riqueza buscão,
„ Qual mais do que esta copiósa fonte,
„ Fonte de todo o bem, ou causa delle? (9)
„ Della emanando, limpidas borbúlhão,
„ Unida co' a Prudencia a Fortaleza,
„ A Justiça, a Equidade, o Bom-conselho,
„ Benefica Piedade, e as mais Virtudes
„ Que argentão as campinas da Existencia:
„ Por ella da Esperança, e da Ventura
„ Nascem, crescem, vigórão, e prodúzem
„ O verde mimo, e as melindrosas flores;
„ Com ella he sempre mais formósa a Vida,
„ E a Virtude, e a Verdade he mais formósa:
„ Della surgio nos Ceos o eterno lume; (10)
„ Por Ceos, e Ceos com ella se discorre,
„ E, ao Mundo novos Mundos amostrando,
„ Os Mares, e os Abysmos se penetrão:
„ Quem lhe segue as lições, tranquillo pousa;
„ E, os vulgares terrores desdenhando,
„ Góza todos os bens, não teme os males:
„ Reprimindo as paixões, suffóca os vicios;
„ E, alongando o prazer, a magoa encurta:
„ Revólve a úrna dos mortaes destinos;
„ Sabe o passado, julga do futuro;

---

(9) Et, si divitiae appetuntur in vita, quid sapientia locupletius, quae operatur omnia? *Lib. Sap. C.* 8. *V.* 5.

(10) Ego feci in coelis ut oriretur lumen indeficiens. *Ecclesiast. C.* 24. *V.* 6.

„ Conhece as falsidades , e antecipa
„ Na intelligencia os tempos , e os prodigios :
„ Logo em principio , antes dos tempos todos
„ Nasceo, e ha-de chegar ao fim dos tempos : (11)
„ Antes de começar os seus portentos ,
„ Deos em Seu Seio Immenso a possuia ; (12)
„ Com Elle era presente a compor tudo ,
„ Quando ordenava os Ceos,quando os Abysmos
„ Com fixas leys circumvallava , e quando
„ Circumscrevia em seu limite os Mares ,
„ E no seu eixo equilibrava a Terra : (13)
„ Pelo Globo Terrestre folga , e ama
„ Entre Homens residir : feliz aquelle (14)
„ Que attento ante os seus pórticos vigia ,
„ Ouvindo-lhe as lições , tomando o ensino. (15)

---

(11) Ab initio, et ante saecula creata sum , et usque ad futurum saeculum non desinam. *Ecclesiast.* *C.* 24. *V.* 14.

(12) Dominus possedit me in initio viarum suarum , antequam quidquam faceret a principio. *Prov.* *C.* 8. *V.* 22.

(13) Quando praeparabat coelos , aderam : quando certa lege , et gyro vallabat abyssos :

Quando circumdabat mari terminum suum , et legem ponebat aquis , ne transirent fines suos : quando appendebat fundamenta terrae.

Cum eo eram cuncta componens. *Prov.* *C.* 8. *V.* 27 , 29 , e 30.

(14) Ludens in orbe terrarum , et deliciae meae esse cum filiis hominum. *Prov.* *C.* 8. *V.* 31.

(15) Beatus homo qui audit me , et qui vigilat ad fores meas quotidie. *Prov.* *C.* 8. *V.* 34.

„ São da Sabedoria derivados
„ Quantos bens, quanta gloria o Mundo alcança;
„ Mas pouco a préza o Mundo: o nescio Engano.
„ Por torcidas viélas despenhadas,
„ Após de seus phantasmas descaminha;
„ E arrasta, quasi toda, a especie humana:
„ Toda a vida mortal, e as scenas della
„ São hum longo tecido a-fio-inteiro
„ Urdido pelo Engano, e sombreádo
„ Co' as falsas tintas que tempéra o Erro.
„ Não te deslúmbres Tu co' as tintas delle,
„ Nem me chores a mim, que sou ditosa:
„ Viver como a Virtude ensina, e manda
„ He humano dever; ter longa vida
„ He ás vezes desgraça: de hum momento
„ Pende ás vezes o bem, e o mal depende;
„ E o mal no Mundo quasi sempre he certo,
„ E quasi sempre o bem he duvidoso:
„ Dessa vida mortal, que tanto pésa,
„ Ditoso quem mais cedo desatado,
„ Espirito sem mancha, á Patria sóbe
„ Do verdadeiro Bem! O Mundo chóra,
„ Não me chóres a mim: de mim saudósos
„ Se ouvires, fundamente magoádos,
„ Que meu Esposo, e que meu Pay suspirão,
„ Se ouvires suspirar Glacilo... e todos
„ Sei que suspirarão por mim, saudósos!
„ Se os ouvires, Oleno, então exháure
„ Todo o sacro vigor; então desata
„ Copiosas a-fluz as fontes do Estro;
„ Desfére então na Lyra sonorósa
„ Os meigos sons que o coração conquistão;

„ Em deleitosa, métrica harmonia
„ As brandas vozes da Amizade ajusta;
„ E, devolvendo augustas consonancias,
„ Abre o thesouro dos conselhos púros
„ Que dicta a Sapiencia aos Genios grandes.
„ Por experiencia o sabes: a Amizade
„ He puro dom do Ceo, que em almas puras
„ Dóbra sempre o valor: por ella se únem
„ Genios, idades, sitios, e costumes,
„ Fortunas, e prazeres, e cuidados:
„ Por ella he doce o padecer, por ella
„ Mais doce o respirar: com ella fáceis
„ Se vencem p'rigos e o repouso alcança:
„ Seu influxo as fadigas aligeira;
„ Tem mais sabor a paz, tem mais encantos
„ E he mais vivo o prazer por seus influxos:
„ Oh! que thesouros comparar-se podem
„ A hum Amigo fiel? mútuos affectos
„ Fazem doce o viver: com elle em braços
„ Por mil delicias escorréga a vida:
„ Refrêa os males, e assazôna os gostos
„ Util conversação: em seus discursos
„ O Mundo se revólve, e cresce o Mundo,
„ Cresce a somma dos bens: mansa alegria
„ De seus sorrisos pende, e as mágoas suas
„ São doce lenitivo á propria mágoa:
„ Affugentão mil vezes a desdita
„ Seus generósos dons; e os seus conselhos
„ Mil vezes salutares embrandecem
„ Profunda, intensa dor que desatina,
„ E ao lume da Rasão angustias varrem.
„ Empréga-os pois com desvelado apúro,

„ E aos teus prestantes, teus fieis Amigos
„ Da-lhes consolação, da-lhes repouso,
„ E busca-o para Ti: por mais pesado
„ Que vejas o negrúme da desgraça
„ Sobre Ti fuzilar, não descor'çoes;
„ Mil vezes luta em amargura o Sabio,
„ Porém, al-fim da generosa lide,
„ Sobre-vem o repouso, e desaloja
„ Triumphada afflicção: nunca impossivel
„ Julgues de o alcançar, que elle não foge
„ A quem pela Rasão seus gostos mede.
„ Sócia nos infortúnios a Esperança
„ Os seus revézes, seu rigor tempéra,
„ Bálsamo salutar, seus golpes cura;
„ E distrahindo, e consolando adóça
„ Seu hórrido amargor: ruins passados
„ Com ditosos futuros intermêa,
„ A-pouco-a-pouco os animos vigóra,
„ Até que bem pelo âmago do peito
" A-froxo embórca a taça do repouso:
" O Captivo infeliz, que em duros ferros
" Geme penósa vida; o Nauta ancioso
" Que contra os furacões, e as vagas luta;
" O Soldado faminto, e fadigôso
" Em crúas guerras suspirando a Patria;
" O Pobre honrado, que difficil gánha;
" O triste que com lágrimas alcança
" O pão, de que só nutre os tenros filhos;
" O Lavrador, que perde a Sementeira;
" O Pegureiro, a quem definha o gado;
" O Rey cuidoso, vigilante, e sabio,
" Alta mercê dos Ceos, presente raro!
"

„ O Rey benigno, que zeloso busca
„ Melhorar os destinos do seu Povo...
„ Todos, todos espérão, e esperando
„ Em árdua lida os corações alentão:
„ E, se ao fim da fadiga infructuósa,
„ Tambem fallece da Esperança o lume,
„ Que ao-longe em-vão mostrára os doces fructos
„ Da buscada ventura; então mais bella,
„ Com mais vigor então se apossa d'alma,
„ E suspende os martyrios a Esperança
„ De outra Vida melhor, d'immortal Vida
„ Que as humanas virtudes recompensa.
„ Espera Tu tambem; confia, espera,
„ E em teu longo esperar medita, e canta:
„ Sabias lições na Lyra descantando
„ Amigos corações farás tranquillos;
„ Alcançarás na Fama o doce prémio
„ De ágras fadigas, de trabalho honróso;
„ E quando ardentes, repetindo o assalto,
„ Mais te anciarem, te pungirem fundas
„ Azêdas afflicções, custósas magoas,
„ Necessaria pensão da Humanidade;
„ Abstrahido na Lyra modulando
„ A'rduas meditações, sacros delirios,
„ Suave sentirás hir-te elevando
„ Dos amplos Orbes pelo espaço immenso;
„ Suave sentirás fugir-te o pêso
„ Do soffrimento de oppressões Mundanas,
„ E lédo o teu Espirito embeber-se
„ No Sanctuário da Grandeza Eterna.
„ Os campos da lembrança amargurada
„ Dos montes da harmonia os Vates dourão:

„ Quando a Imaginação pelo Estro accesa
„ Sobe em azas de fogo á Olympia arcada,
„ Todo o pêso mortal então despindo
„ Celeste he tudo que respira o Vate.
„ Medita, e canta, desditoso Oleno,
„ Da Desventura os pállidos Espectros
„ Ao som da Lyra adormentando : a vida
„ No Térreo Globo affadigada, e breve,
„ He quasi como, no abrazado Estio,
„ Hum dia ardente em que o calor suffóca :
„ Nesse Mundo infeliz, que tanto se ama,
„ Nenhuma condição he venturósa,
„ E até mesmo a Virtude he desgraçada :
„ Mas da Immortalidade a pulchra Aurora,
„ Com luz perenne d'ineffavel brilho,
„ Deslembra, absorve, desvanece, acaba
„ Todos do Mundo os miseros cuidados. „
Assim dizendo, scintillou, sorrio-se,
Aspirando celeste suavidade
Que embalsamou os ares circumfusos
Melhor que o cinnamômo, o incenso, a myrrha;
E foi subindo esplendida, entoando
Hum Cantico de gloria ao Ente Summo
Até que, fixos na carreira ethérea,
Em fim meus ólhos de a seguir cançárão,
E perdi-a; e fiquei tranquillo, e quêdo
Seu brilho eterno contemplando absorto.
Dest'arte lá pelo Eden deleitoso,
Na primária pureza inda involvidos
Os venturosos Pays da Especie Humana;
Dos per-si pullulantes fructos, flores
Erguendo a vista para os campos do E'ther,

Por elles descendendo fulguroso
Entre gólphãos de luz hum Anjo olhavão,
De cuja voz celestial, pendentes
Em práctica solemne, recebião
Sacras lições da Eterna Sapiencia;
E, partido o Sydéreo Mensageiro,
Absortos contemplando, e jubilosos
Glorificando o Creador de tudo,
Respiravão suavissimos arômas
Que, d'Arvore da Vida recendendo,
Em odorósas nuvens elevados
Puros até aos Ceos do Eden subião.
  Espirito gentil, que, rutilando
Nas Celestes mansões, em páz segura
Dos venenos da Inveja a-salvo brilhas:
De lá desse fulgor eterno, aonde
A Suprema Verdade está comtigo;
Piedosa o puro affecto recordando
Com que sempre exaltei tuas virtudes;
Com sereno semblante compassivo
Inclina ainda para mim teus ólhos,
E acceita os Versos meus, que são meus Versos
A' Virtude, ao teu Nome, a Ti votados.

FIM.

ERRATAS.

Pag.	*Erros*	*Emendas*
6	melancolia ,	melancholia ,
ibi	melancólicos ,	melanchólicos ,
7	dito ,	dicto ,
9	eleva ,	enléva ,
13	Descebertos	Descobertos
19	chiméra	chyméra
ibi	lncî-fluas	luci-fluas
21	despenhados,fragoeiros;	despenhados fragoeiros ;
25	O tôrvo Boreas ,	Os tôrvos Austros ,
28	Narciza ,	Narcisa ,
29	Hygêa	Hygîa
ibi	Topes ,	tópes ,
36	manham	manhan
42	Oh ? não ,	Oh ! não ,
47	ócupa notte	ó cupa notte ,
ibi	Tam cari	Tam chari
48	Ulissea ,	Ulysséa ,
50	a Morte.	a morte.
52	Olimpicos	Olympicos
60	hnm' alma	hum'alma
61	E, sentido	E , sentindo
70	desprendendo-se ;	desprendendo-se ,
71	a lisonja ;	a Lisonja ,
ibi	na Terra existe	na Terra existe.
78	o nescio Engano.	o nescio Engano ,
ibi	a-fluz	a-flux